LIBRARY OF PRINCETON
NOV 10 2004
THEOLOGICAL SEMINARY

PER BR7 .U54

Znitas.

Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/unitas1911inst

N.º 11 — ANO 19 — NOVEMBRO, 1957 — PREÇO: Cr$ 10,00

UNITAS

A Candeia dos Ímpios

MIGUEL RIZZO

Natal

ALBERTO M. ANDRADE

Creio no Homem

GEORGE HOWARD

O Sentido da Vida

JUVENAL RICARDO MEYER

A Plenitude do Espírito

ADAUTO ARAUJO DOURADO

ARMARINHO PERFUMARIAS

MIUDEZAS PLÁSTICOS

MALHARIAS

PARA SUAS COMPRAS

CONSULTE

Daniel Silveira Silva

ATACADISTA

OFERECE OS MELHORES PREÇOS

Rua 25 de Março, 817
3.º andar - s/31 — S. PAULO

Rua José Prado Franco, 128
ARACAJU — Sergipe

LIBRARY
MAR 2 7 2002
THEOLOGICAL SEMINARY

ÚNITAS

Órgão Oficial do Instituto de Cultura Religiosa

Diretor — MIGUEL RIZZO JR.

Redator — LAURO BRETONES

Colaboradores permanentes:

Jorge Goulart, Adauto Araújo Dourado, W. J. Goldsmith, Camilo Ashcar, Oscar Arruda, Alceu Maynard Araujo, Odilon Nogueira de Matos, Mário Barreto França e José Borges dos Santos Jr.

EXPEDIENTE

O Rev. Miguel Rizzo Júnior, Diretor desta revista, atenderá sòmente às têrças e quintas-feiras das 14 às 17 horas, à Rua Barão de Tatuí, 528.

Assinatura anual .. .. Cr$ 100,00

Número avulso .. .. Cr$ 10,00

Sócios do Instituto: Mensalidade —

Interior .. .. Cr$ 20,00

S. Paulo, Rio, Recife .. .. Cr$ 25,00

Endereço:

Rua Barão de Tatuí, 528 — Caixa Postal 7.203 — Tel. 51-7499

SÃO PAULO — Brasil

NESTE NÚMERO:

Págs.

A candeia dos ímpios — Miguel Rizzo 4

Enquanto eu meditava: lições de Jesus — Lauro Bretones 9

Natal — a mensagem da Boa Vontade — Alberto Mazoni Andrade 18

Fantoches? Não — Trevor Davies 22

O Evangelho na literatura — Oscar Arruda 25

Diretriz Evangélica:

Creio no homem — George Howard 29

Obra-prima — Mário Barreto França (Poema) 33

Vida Espiritual:

O sentido da vida — Dr. Juvenal Ricardo Meyer 35

As duas faces da estrêla — Paulo L. Rizzo 37

Estudos Bíblicos:

A plenitude do Espírito — Adauto Araujo Dourado . . 43

Pureza de coração — M. R. 48

Correspondência 55

Livros — L. B. 57

★ Verifique se a sua assinatura está vencida ou por vencer pròximamente. Mande-nos logo a importância de Cr$ 100,00 para que lhe possamos continuar a enviar a revista regularmente.

★ Ao enviar qualquer importância, faça-o em nome do Instituto de Cultura Religiosa, e não em nome pessoal de qualquer dos diretores.

★ Envie-nos suas impressões sôbre a revista. Elas são de grande ajuda. Estamos procurando fazer o melhor. Mas gostaríamos de saber como nossos leitores estão vendo a sua revista. Escreva-nos.

★ Pedimos também seu auxílio para o aumento do número de leitores da revista. Procure oferecer a um amigo uma assinatura anual a título de experiência.

EDITORIAL

VIGÉSIMO ANIVERSÁRIO

No dia 6 de fevereiro próximo o Instituto completa vinte anos de existência. Vamos comemorar essa data com várias solenidades. As filiais receberão sugestões para tomarem parte nessa comemoração.

Aproveitaremos a oportunidade para consolidar a estrutura do Instituto. Para isso teremos que realizar quatro coisas:

1. Convidar um conferencista que dê tempo integral ao nosso trabalho.

2. Nomear, também com tempo integral, um gerente para o escritório.

3. Melhorar a revista, aumentado-lhe a tiragem e criando nela novas secções.

4. Organizar a escola de preletores. Terão êles que suplementar o trabalho que é feito nas conferências, instruindo as pessoas interessadas em aprofundar seus conhecimentos religiosos.

Não pretendemos fazer campanha financeira para conseguir todos os melhoramentos que temos em vista. Vamos, no entanto, trabalhar para o aumento do quadro social do Instituto. A campanha em que estamos empenhados já nos trouxe 1.800 sócios. Isso não basta. Por ora ela só foi feita em São Paulo.

Se conseguirmos mais dois mil sócios nas filiais, teremos os recursos necessários para firmar muito bem a obra em que nos achamos empenhados de realizar uma grande campanha de renovação espiritual neste país.

MIGUEL RIZZO

A Candeia dos ímpios

Alguns jornais estamparam, não faz muito tempo, um etichê que, registando um acontecimento ocorrido na Europa, revela também uma das leis que regem a marcha da história humana. É a fotografia de um grupo de homens em Budapest, erguendo a bandeira do seu país, sôbre um pedestal originalíssimo: a bota que restou de uma estátua de Stalin. Um monumento imponente que fora inaugurado, com frenéticas manifestações de aplausos, não só se abateu fragorosamente, como também passou a servir de sustentáculo para o pavilhão nacional do povo que fora oprimido pela crueldade do déspota.

Essa estátua derribada exemplifica, em pleno século vinte, uma lei histórica que, milhares de anos antes de Cristo, foi anunciada pelo grande sábio Salomão. Sintetizou êle, em frases curtas, uma sabedoria que o tornou famoso. Expendeu conceitos sôbre os mais variados aspectos da vida, num livro imortal que tem o título — Provérbios. A literatura que apresenta, como essa, lições preciosas na forma em que ali aparece, chama-se gnêmica. *Essa palavra, em grego, quer dizer: sentença em forma de* máxima. *O ensino que ela ministra não apresenta dissertações sôbre êste ou aquêle ponto, mas sim fatos do mundo moral sintetizados em rápidas sentenças. No livro a que nos referimos há esta frase: "A candeia do ímpio se apagará" (Prov. XIII:9).*

A acidentada história da humanidade tem-se encarregado de apresentar vasta, e, às vêzes trágica exemplificação, da lei que aí está apontada.

Na história dos maus pode haver um período esplendoroso. É o que se assemelharia a uma lâmpada acêsa. Mas a lei é fatal: essa lâmpada se apagará.

Vem a propósito citar os esforços que uma propaganda assalariada fêz para perpetuar e enaltecer a memória de alguns ditadores que surgiram nos últimos tempos. Em certa nação prepararam-se biografias de um dêles para as crianças. Essas poderiam ser fàcilmente iludidas pelas astúcias de biógrafos pagos. O que não poderiam, todavia, era evitar que a lei divina se cumprisse. A literatura que se escreveu a respeito de alguns déspotas pretendia apresentá-los como super-homens às gerações sucessivas.

O esfôrço conseguiu alguma coisa. Certa ocasião tentamos ouvir um discurso de um ditador europeu pelo rádio. Não o conseguimos, porque cada palavra que êle pronunciava era abafada por gritos estertóricos de aplausos de seus fanáticos seguidores. Mas acontece que as leis que dirigem o destino dos homens não pedem licença aos déspotas para entrarem em ação. Por isso mesmo, nesse caso, como em outros, ela não falhou.

Passados alguns meses, a imprensa publicou uma fotografia dêsse mesmo homem, já morto e dependurado de cabeça para baixo em uma garage. E foi o seu próprio povo que perpetrou tal crime. Não é com prazer que narramos um fato assim trágico, mas sim para ilustrar a lei a que nos estamos referindo: a lâmpada dos ímpios apagar-se-á.

Coisa semelhante se verificou com outro ditador da mesma época. Também sua biografia fora adrede preparada para impressionar crianças e impor-se à admiração da posteridade. Tudo em vão. Êsse ditador terminou sua carreira de modo horripilante.

A influência que pretenderam exercer no mundo diluiu-se e a glória com que sonhavam transfiguro-se em opróbio e maldição. Não faz muito tempo, um jornal afirmava que o filho de um dêsses déspotas, tem achado difícil afastar de si tôda a antipatia que o nome do seu pai ainda provoca.

Façamos aqui um contraste. Gandhi morreu tràgicamente, mas — note-se bem — sua lâmpada não se apagou. Sua influência é crescente no mundo. Há mesmo quem pense que um dia seu povo vai considerá-lo divino. No dia consagrado à memória de sua morte, multidões levantam-se pela madrugada e passam longo tempo em oração pela Pátria. Quando Gandhi era vivo as reuniões promovidas por êle para prece, nunca chegaram a ter a assistência que hoje têm. Os telegramas que noticiaram a última cerimônia dessa natureza afirmavam que nessa reunião devocional estava o primeiro ministro da Índia e ali se achavam também os homens de mais responsabilidade no govêrno.

Gandhi cultivou o mais que lhe foi possível o ideal de fazer o bem. Quem lhe estuda a biografia impressiona-se profundamente com o escrúpulo que êle teve, num esfôrço permanente para conseguir que o bem triunfasse na sua própria conduta, no seu próprio íntimo e que assim se refletisse em tôdas as ações, que êle fazia em favor dos outros. Essa lâmpada não se apaga porque o bem possui em si vitalidade imortal.

Vejamos agora um exemplo pátrio: o de Tiradentes. Empolgando-se pelo ideal da Independência do Brasil, foi êle denunciado. Perante juizes cruéis manifestou admirável firmeza de caráter, jamais renegando seu ideal de liberdade e declarando-se responsável por aquilo que seus julgadores consideravam ousado crime. Até os últimos momentos, revelou a maior coragem, aceitando o martírio como resignação. Era a serenidade de quem conscientemente se sacrificava por um grande ideal.

Quando seu corpo, dependurado na forca, ainda palpitava, um sacerdote usando o fatídico tablado como púlpito, proferiu veemente discurso, criticando a massa popular que se comovia com aquêle hórrido espetáculo louvando a justiça do vice-rei, que condenara o mártir; e aconselhando submissão ao govêrno que parecia triunfar em tôda linha. Realizaram-se festas de regozijo público. As tropas militares trajaram-se de gala e nos templos celebraram-se cerimônias religiosas, comemorando o monstruoso crime. perpetrado contra o herói. O cadaver do mártir foi esquartejado. A cabeça exposta em lugar público, o tronco e os membros espalhados em diversas povoações de Minas para exemplo e escarmento do povo.

Nesse momento, a vitória dos déspotas foi completa, mas a lei que rege o destino dos povos é inflexível: a lâmpada dos iníquos apagar-se-á. A de Tiradentes, precisamente porque êle se batia por um grande ideal, não se estinguiu. Sua memória, cada vez é mais reverenciada. Sempre que qualquer movimento pareça implantar um regime ditatorial no país, não falta quem invoque, para estimular o povo a reagir, a figura do grande mártir. Êle é conhecido desde as crianças das escolas públicas até as mais altas classes pensantes do país. Quanto mais crescer a população do Brasil, maior será o número de pessoas que reverenciarão a memória dêsse herói nacional. Quem julgou os inconfidentes foi um tribunal presidido pelo Conde de Rezende que estava no auge do seu prestígio. Quem se lembra dêle hoje? A glória que teve foi momentânea. Era firmada sôbre injustiça e êsse tipo não pode ter duração permanente.

Não faz muito tempo a revista LIFE, conseguiu descobrir entre documentos antigos, os necessários para recompor a história dos últimos dias da família do Tzar da Rússia. São cenas horripilantes. Alguns historiadores descrevem misérias horríveis e violências inomináveis que o povo da Rússia suportou durante os vinte dois anos de govêrno dêsse ditador. Sua morte representou um alívio para a sua Pátria. A memória de seus feitos não provoca entusiasmos, mas sim repulsas.

Contrastemos essa personalidade com outra da mesma Pátria. Tolstoy, tendo chegado a um ponto em que vivia cercado de todos os privilégios da aristocracia, tinha saúde invejável, fortuna que lhe garantia o máximo confôrto, mas um dia êsse homem achou que viver assim, dentro dos planos traçados pelo egoísmo pessoal, não era viver. Pensando assim lançou a sua sorte com os desprotegidos, lutou a favor dêles e pintou em páginas imortais os horrores de algumas das classes do seu país. Pensador profundo que era, traçou diretrizes para que a humanidade enveredasse por caminhos onde cultuasse a justiça e o bem.

Ambos morreram. O ditador e o amigo do povo. A lâmpada do primeiro apagou-se para sempre, a do segundo continua a iluminar muitas mentes inspirando atos de bondade. Não podemos estudar-lhe a biografia sem sentir admiração e impulsos para também praticarmos o bem.

A humanidade, desorientada muitas vêzes, anda à procura de uma filosofia que a dirija mas, tentando encontrá-la, elabora sistemas complicados, em que aparecem devaneios metafísicos difíceis de se aceitarem. Pobre da alma se, para progredir espiritualmente tivesse de acatar essas complicadas elaborações do espírito especulativo. Felizmente não é assim. Pode haver mística muito mais simples. É aquela que se resume no culto e na prática do bem. Essa é eficaz e consegue transformar a própria personalidade humana em luz que ilumina o ambiente em que ela vive. Milhares de vultos que cultuaram o bem estão desempenhando êsse papel na sociedade humana. Essa tradição é um dos tesouros mais ricos da humanidade. Se em vez de nos batermos para que indivíduos aceitassem esta ou aquela filosofia humana, nós os convencessemos de que a história da humanidade mostra bem como é infeliz e desastrada a atuação dos que se afastam do bem, teríamos dado um passo para formar o núcleo capaz de servir de base para uma renovação, que deve ser por todos almejada.

A tarefa inicial, pois, de quem vise alcançar sucessos indiscutíveis na vida é verificar sôbre que alicerce edifica. As obras que se erguem sôbre a injustiça, a fraude e as violências, trazem em si mesmas os fatôres da sua própria dissolução. Aquelas que se firmam no bem, podem, é certo, atravessar crises ameaçadoras; podem até aniqüilar-se temporàriamente, mas o triunfo virá a seu tempo. As reivindicações contínuas da história são dêsse fenômeno provas inconcussas.

Conservar a fé nessa verdade, equivale a alimentar dentro da alma otimismo transbordante a determinar serenidade, elegância moral e fortaleza, mesmo no fragor das aparentes humilhações da vida. Triunfar é o destino irrevogável do bem.

Apliquemos a nós mesmos a lei a que nos estamos referindo. Em geral, quando se fala na degradação dos povos, não falta quem a atribua ao procedimento de várias pessoas que são indicadas com censura. O mais importante seria saber se nós mesmos não estaremos contribuindo para estimular o mal que censuramos.

Vem a propósito, pois, indagar se nossa conduta se desdobra. rigorosamente na prática do bem. Estaremos fazendo concessões ao que sabemos que não é certo? Milhares de pessoas agem assim. Encastelam-se numa defesa fraquíssima, elaborada com esta frase: todo mundo faz isso. O que importa saber, em última análise, não é se todos fazem isso ou aquilo, mas se o que se faz é o bem. A lei moral é inflexível. Ela não indaga se o homem condecende com o mal, por êste ou por aquêle motivo. Seja qual fôr o motivo pelo qual êle é praticado, seus efeitos sempre são nefastos.

Cultuar o bem, praticá-lo fiel e corajosamente, equivale a acender uma lâmpada, que embora pequenina, nunca se apagará!

———)★(———

MODO DE VER

Certa ocasião Livingstone estando na África teve que fazer observações científicas com termómetros. Uma mulher que o observava disse jocosamente:

— Pobre homem! — Brincando como criancinha!

ENQUANTO EU MEDITAVA...

Salmo 39 : 3

"E tomando os cinco pães e os dois peixes..." (Lucas 9:16)

O episódio pareceria inverossímel não fôsse Jesus o herói.

Êsse é um dos milagres de Jesus a respeito dos quais não pode haver a menor dúvida sôbre a direta intervenção divina. Sua autenticidade histórica e científica também está acima de suspeitas. Quem o registra é Lucas, médico e historiador rigoroso.

O que nos impressiona, contudo, nesse milagre, não é a clara manifestação da Providência divina alimentando tão grande multidão. Também o que nos causa admiração não é o poder de Jesus aplicados tão bem numa emergência difícil. O poder humano sucumbiu diante do problema. Os discípulos não puderam, siquer, aceitar o desafio de Jesus: dai-lhes vós de comer.

O que nos impressiona nesse episódio é a capacidade que sempre teve — e tem — Jesus de transformar as coisas pequenas e insignificantes. Tudo nesta vida é realmente pequeno e insignificante sem a bênção ou o toque de Jesus. Êle sabe desprender as energias que existem numa vida aparentemente insignificante. Os grandes heróis do mundo não são os guerreiros, os políticos, os tribunos, os milionários. Não nascem nos palácios ou nas grandes batalhas. Nascem em choupanas. Sem esperanças de sobrevivência. Coisas insignificantes! "Que é isso para uma tão grande multidão!" Contudo — é a lição da história — criaturas insignificantes, pelo toque e pela bênção de Jesus, tornaram-se os grandes benfeitores da humanidade. Alimentaram multidões! Reproduziram o milagre da multiplicação de cinco pães e dois peixes.

Um dos mais notáveis homens de todos os tempos, foi Robert

Moffat, missionário inglês à África. Quem era Moffat? Um pobre jardineiro. Coisa insignificante! Mas um dia sentiu êle o toque de Jesus. "Vou ser missionário", dizia, orgulhoso, aos seus companheiros. "Virou a cabeça!", exclamaram. Sim, virara a cabeça, mas na direção certa, retrucava o grande herói.

"E tomando os cinco pães e os dois peixes, e olhando para o céu, abençoou-os e partiu-os". (Lucas 9:16).

Albert Schweitzer é, hoje, uma das mais notáveis figuras da humanidade. Talvez a mais notável. Pôs tudo o que de melhor possuia ao serviço de um povo bárbaro, incivilizado, indolente, doente e a respeito do qual a humanidade pouco ou nada espera. Mas, quem foi Schweitzer?

Nasceu um menino doentio, esquálido. Coisa insignificante. Os médicos da época não tinham a menor esperança de que o pequeno sobrevivesse. Sustentavam que êle morreria ainda em tenra idade. Não podia comer, não apresentava resistência física, não reagia ao tratamento. Sua mãe criava-o sem esperança e na expectativa de perdê-lo logo. Mas um dia — ah! a Providência divina — uma vizinha aconselhou que a sra. Schweitzer tentasse alimentar o garoto com leite de vaca. Parecia um conselho desassisado. Se não podia êle resistir a alimento mais leve, como suportar o leite de vaca! Contudo, já que estava condenado, e diante da experiência da vizinha, decidiu seguir aquele conselho. O menino começou a crescer, a reanimar-se, tornou-se forte, gorducho, capaz de brigar com quatro. E quando jovem, Jesus tocou-lhe a vida e abençoou-o. Schweitzer tornou-se a bênção que é porque Jesus o tomou. Nada era. Nada seria até hoje. Tudo o que é e tudo quanto tem feito, deve a esse toque de Jesus. Jesus tomou-o em suas mãos quando era um pequenino ser insignificante, desesperançado, inútil.

Há muita gente que se julga inútil, incapaz, insignificante, desprovida de talentos. Ah! se entregassem a Jesus o que têm. Êle é capaz de fazer o milagre: tornar-nos uma bênção! Se eu tivesse nas mãos tinta e pincel nada faria, ou faria um borrão na tela. Mas Doré não! Se o artista for Jesus a obra sai perfeita. Carlyle dizia: "Barro e tijolos são barro e tijolos enquanto alguém, não os toma e faz dêles alguma coisa"!

"E comeram todos e saciaram-se..." (Lucas 9:17)

Parece que aqui está o sentido da felicidade: somos felizes quando percebemos que os outros o são em virtude do serviço que lhes prestamos.

O mundo está dividido em duas classes: a dos que têm o necessário e o superfluo, mas não têm o essencial — a felicidade de viver. E a dos que nem têm o necessário, menos o supérfluo, e muito menos a felicidade. Felizmente, existe uma terceira classe: a dos que têm o necessário, não têm o supérfluo, mas estão em condições de obter o essencial — a felicidade. Como?

Pondo nas mãos de Jesus o pouco que possuem. Cinco pães e dois peixes! Seja isso o tudo. Muita gente reclama do pouco que possui. Esquece-se de que Jesus pode fazer o milagre da multiplicação. Há um mundo de necessitados ao nosso redor. Não esperemos muito dos que tudo possuam — menos o essencial. Nós, que somos a minoria, podemos ajudar Deus a alimentar essa multidão de famintos.

O mais sério problema do mundo não é a falta de recursos. E' a falta de aplicação dos recursos às necessidades dos famintos de acôrdo com um plano divino. Citemos Schweitzer: "Com clareza cada vez maior fui compreendendo que eu não tinha o direito íntimo de aceitar a dita de minha juventude como uma conseqüência lógica da vida. Do fundo de minha felicidade pessoal surgiu lentamente a consciência da palavra de Jesus segundo a qual não podemos viver a vida egoìsticamente. Quem haja recebido muitos bens na vida será responsável para dar muito de si mesmo, e aquele que for preservado de muitos males estará chamado, por sua vez, a compartilhar a dor dos outros. Todos temos o dever de ajudar a levar uma parte da carga que pesa sôbre o mundo".

Estranho mas é verdade: Jesus quer alimentar o mundo faminto com o pouco que temos e que lhe pomos nas mãos. Assim contribuimos para a felicidade dos outros... e para a nossa.

"E Jesus tomando um menino o pôs no meio dêles"
(Mateus 18:2)

Aquela feia controvérsia entre os discípulos parece repetir-se em nossa experiência. Com uma agravante contra nós: os discípulos revelaram-se preocupados com uma ambição relativa ao céu, mas nós procuramos arrebatar os primeiros lugares no reino dêste mundo, Nós somos piores, dizia Crisóstomo nas suas homílias. As figuras que mais nos atraem, normalmente, são aquelas que ocupam altas posições, na sociedade em virtude do dinheiro, da cultura, do prestígio social, da fôrça, etc. E' que nós gostaríamos de ser como essas pessoas. Elas são o critério do que nós supomos constitua a grandeza de uma pessoa.

O mundo está muito longe de aprender a grande lição da simplicidade do Mestre. Quantos problemas de convivência seriam naturalmente solucionados se aprendêssemos a lição da grandeza da simplicidade! A natureza humana sem o espírito cristão é uma estupidez. Cegos andam os homens. Tão cegos que chegam a inverter a ordem dos valores.

O mundo seria melhor se fôsse dirigido pelas crianças.

Seria melhor se, pelo menos, a criança fôsse a medida da grandeza que buscamos.

Ao por uma criança no meio dos discípulos revelou Jesus o seu estalão de grandeza. Mede-se a grandeza de um homem não pela sua posição social, política, econômica, ou mesmo religiosa, mas pelo espírito de simplicidade, humildade, dependência, sinceridade, naturalidade. Quão pequenos são os homens do nosso tempo!

E com isso, o grande Mestre antecipou, de dois mil anos, Spranger, Freud, Petalozzi, Buhler, Adler, e tantos outros mestres que despertaram a atenção do mundo moderno para a criança. A criança é, hoje, o centro da preocupação do mundo. Mas não é ainda o que dela fêz Jesus: a medida da grandeza humana.

"...e não vos fizerdes como meninos... (Mateus 18:3)

Fazendo de um menino o padrão de grandeza do homem, Jesus chamou a atenção dos discípulos para as qualidades fundamentais de uma criança. Quais seriam elas? Bastaria que cada um de nós evocasse o seu tempo de menino.

Parece que uma dessas qualidades é a simplicidade, a fôrça da crença de uma criança. A criança não é crédula como se supõe. Ela crê firmemente, e sinceramente. Sua capacidade de crer não pode ser posta em dúvida. O fundamento da fé é a convicção de nossa incapacidade. A criança reconhece essa incapacidade a todo instante. Ela é dependente. E' essa fé que faz o homem grande e útil.

Uma segunda qualidade é a receptividade. Uma criança está sempre pronta a receber tudo quanto lhe oferecem. E' amoldável. Não tem idéias fixas, rigidas, imutáveis. Não se julga suficiente. Aceita conselhos, sugestões, auxílios.

Naturalidade. Essa é uma terceira qualidade que Jesus quis destacar na criança. Nós vivemos numa sociedade sofisticada. Obrigados a observar uma série de convenções sociais que Max Nordau apelidou de "as mentiras convencionais de nossa civilização". Até nossa vida religiosa foi afetada por essa sofisticação.

Jesus falou clara e francamente: se não vos tornardes como crianças de maneira nenhuma entrareis no Reino de Deus. Há muita gente que pretende ingressar no Reino de Deus com suas próprias idéias, com seu padrão de moral, com seus dogmas religiosos. Vai haver muita gente decepcionada no Dia do Julgamento!

A criança é a medida do homem. Não como queria Freud. A criança não é um homúnculo. Suas qualidades básicas devem ser as regras de conduta do homem adulto. Do contrário continuaremos a representar um papel ridículo: querendo enganar a Deus, como se Êle é que fôsse a criança!

".. e tomando uma toalha, cingiu-se" (João 13:4)

O episódio é único na história da humanidade. Jesus praticou ações únicas, sem paralelo, inigualáveis. Vale a pena tê-lo como líder e como modê-lo. Não nos serviria um líder que pudéssemos ultrapassar. Desses, há vários guiando os homens, Êles passam com o tempo. Ficam superados. Jesus é intemporal, até nos seus atos. Ou, principalmente nos seus atos, pois é através dêles que êle se imortaliza.

O gesto de Jesus, lavando os pés aos discípulos, pouco antes de subir à cruz, é de uma grandeza sem par. Êle, o Mestre, abaixando-se para lavar os pés a homens humildes e simples! E' provável que nos dispuséssemos a lavar os pés do presidente da República, de algum ministro, do rei, da rainha. Mas, os pés dos trabalhadores, dos operários, dos deserdados, dos simples dêste mundo? Poucos são os que seguem o Mestre nesse exemplo. E não são os trabalhadores, os pobres, os deserdados, os que mais precisam de ter os pés lavados por alguma alma grande? Lavar-lhes os pés é o ato supremo de bondade, de amor, de simpatia. Lavar os pés aos grandes, aos importantes, é ato supremo de bajulação, de sabujice.

O serviço engrandece quando êle é prestado aos simples, aos que nada têm. Aos que de tudo têm necessidade.

Antes do exemplo de Jesus, ninguém pensára naquele gesto. Mas depois que o Mestre tomou a toalha e praticou o ato supremo de serviço, cada um se arrependeu de não ter sido o primeiro. Se Jesus não tivesse praticado aquele ato provavelmente hoje os desprezados e humildes não teriam quem lhes lavasse os pés. Praticando o ato inigualável Jesus inaugurou uma nova era nas relações entre os homens.

A grandeza do serviço está em descermos do nosso pedestal, cingir-nos com uma toalha, e sair pelo mundo a enxugar as lágrimas dos que sofrem sòzinhos. Êles sabem reconhecer o bem que lhes fazemos.

"O Filho do Homem veio para servir..."

O que fundamentalmente diferencia Jesus de todos os homens é isto: êle foi o único homem que encarnou os seus ideais. Êle pôs em prática os seus ensinos. Viveu-os primeiro, para exigir que seus seguidores façam o mesmo.

Sonhar, todos sonham. Nobres ideais! Sempre houve sonhadores no mundo. Valeram seus sonhos? Foram êles transplantados para o mundo da realidade? As concepções éticas de Jesus já se encontram nos antigos hebreus e nos moralistas orientais. Êsses foram os sonhadores. Mas a vivência daqueles preceitos só se tornou possível com o exemplo do Mestre. Êsse é o segredo do dinamismo dos ensinos de Jesus.

Um intelectual chinês assim se expressava sôbre a diferença entre Confúcio e Cristo: encontrei em Confúcio, dizia êle, a Regra Áurea. Mas o ensino de Confúcio é frio, impotente, do domínio dos sonhos. Jesus, não só me ensinou a amar o meu próximo, e até o meu inimigo, como também me deu o poder para fazê-lo... Há um dinamismo inerente nos ensinos de Jesus. "As palavras que vos digo são espírito e são vida". Não são meros simbolismos linguísticos.

Jesus não foi um puro sonhador, ou um idealista. Seus sonhos foram todos realizados. O cristianismo não é, à semelhança de tantas religiões que há no mundo, um conjunto de preceitos pelos quais pretende o homem elevar-se até Deus. O cristianismo é uma vida, é um padrão, é um exemplo.

O mundo progride não por causa de uma nova doutrina, por mais bela que seja, mas por causa de uma vida que a pôs em prática. Jesus foi o único homem que conseguiu realizar seus ideais.

Talvez dêsse modo poderíamos compreender aquela crítica de Nietzche: "O último cristão morreu crucificado".

"Porque eu vos dei o exemplo..." (João 13:15)

....Renan, o cristão que se escondeu sob a máscara de um crítico inteligente, dizia: "A humanidade procura um ideal; mas ela o procura em uma pessoa, e não numa abstração. Um homem, a encarnação do ideal, cuja biografia devia servir de fonte de inspiração para todos os tempos, eis o que a mente religiosa procura".

Jesus provou, com sua vida, a viabilidade dos seus ensinos. Jesus não foi um idealista. Êle foi realista. Só ensinou aquilo que é possível praticar. O cristianismo é o mais elevado padrão de vida, mas não impossível. Podemos vivê-lo todos os dias, em tôdas as circunstâncias.

Como discípulos, somos chamados a seguir o exemplo do Mestre. "Eu vos dei o exemplo". Exemplo do serviço. Como o seu Mestre, o cristão está no mundo para servir, não para ser servido. Para dar a sua vida em resgate de muitos. Devemos vestir-nos de Cristo. Adotar seu caráter, suas idéias, seus métodos de ação. Tê-lo sempre diante de nós, como modêlo. Conferir, por êle, todos os nossos atos. Êle é o nosso estalão, além de ser a fonte permanente de inspiração de nossa vida.

Sêneca dizia: "Devemos escolher algum bom homem e tê-lo sempre diante dos nossos olhos para vivermos como se êle nos estivesse vigiando, e tudo fazer como se êle nos estivesse vendo".

Jesus disse: "Como o Pai me enviou eu vos envio". Êle envia-nos com o mesmo poder e para o mesmo fim. E disse mais êle: "Basta ao discípulo ser como o seu Mestre".

A Igreja, sobretudo, seria muito diferente se os discípulos modernos do Mestre lhe seguissem o exemplo, lavando os pés uns aos outros. Servindo-se mùtuamente.

"E tomando o cálice..." (Mateus 26:27)

Outro grande exemplo que nos deixou o Mestre: o privilégio do sacrifício.

Aquele era o cálice do Novo Testamento do seu sangue. Com seu sacrifício iria Jesus estabelecer um novo pacto com a humanidade. Era seu o privilégio de morrer pelo mundo. Mas onde o privilégio? Na certeza de que, pelo seu sacrifício, o mundo seria redimido.

Não havia, como ainda não há, outra maneira de redimir o mundo. Jesus teve que sorver o cálice amargo da cruz. Sorveu-o até à última gota. Mas êle sempre quis, como ainda quer, o auxílio dos seus discípulos. "Podeis vós beber o cálice que eu hei de beber?". E os discípulos responderam: sim. E todos êles beberam o cálice amargo. Todos sofreram por amor ao Mestre, e por amor ao mundo. Todos seguiram, também nisso, o exemplo do Mestre.

Nós estamos sendo chamados a sorver o cálice dos pecados do mundo inteiro. Não existe outra alternativa para os cristãos modernos. "Sem derramamento de sangue não há remissão de pecados". Nós só participaremos dos triunfos de Cristo se bebermos o cálice que êle bebeu.

A história do cristianismo é a história dos mártires que seguiram o exemplo do Mestre. São os mártires cristãos que têm transformado o mundo.

Jesus morreu feliz, sabendo que estava, com seu sacrifício, redimindo a humanidade. Todos os mártires morrem felizes. Êles fixaram-se na contemplação do exemplo do Mestre. O Mestre sofreu mais, porque não tinha pecados.

Os mártires são os maiores heróis da humanidade. São mártires apenas aqueles que se tornam semelhantes a Cristo.

O Natal volta e com êle se renova a esperança de que um dia a Boa Vontade de Deus encontre resposta no coração dos homens

NATAL - A MENSAGEM DA BOA VONTADE

ALBERTO MAZZONI ANDRADE

(N.R. — Alberto Mazzoni Andrade, o presidente do I.C.R. em Belo Horizonte por vários anos, era um escritor primoroso. Deixou vários trabalhos inéditos. O que estamos publicando é um dêles. A boa vontade foi sempre uma característica distintiva dêsse homem).

A origem da palavra Evangelho encontra-se no modo pelo qual os tradutores da Septuaginta exprimiram, em grego, a expressão "Boas novas" que se encontra na profecia de Isaías, capítulo 61, verso 1: "O Espírito do Senhor Jeová está sôbre mim, porque o Senhor me ungiu parapregar boas novas aos mansos", isto é, pregar o Evangelho aos mansos. Muito mais tarde, nosso Senhor Jesus Cristo usou essa profecia de Isaías para aplicar a si mesmo e à sua Mensagem, quando na Sinagoga de Nazaré, anunciou o seu glorioso cumprimento naquele dia.

Evangelho é pois uma Boa Notícia e a proximidade do Natal, com tôdas as suas recordações evangélicas, faz voltar o nosso pensamento para a primeira notícia que os homens tiveram da existência dessa Boa Nova, isto é, o Evangelho.

Foi no meio de uma noite estrelada, quando um grupo de pastôres velava o descanso do rebanho, nas imediações de Belém, que veiu a primeira notícia aos homens. Antes desta, só as particulares anunciações a Maria e a José. Um anjo traz a boa notícia aos pastôres. "Eis que vos trago novas de grande alegria que será para todo o povo: pois na cidade de Davi vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor". São as boas novas de Jesus Cristo o Senhor e Salvador. E' o Evangelho.

Logo após, diz a narrativa de Lucas, uma coorte de anjos entoa o primeiro cântico de Natal: "Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade entre os homens". Da boa nova, isto é, do Evangelho, vão nascer a paz na terra, a glória de Deus nas alturas e a boa vontade entre os homens. E' a nova que o cântico anuncia.

Para os homens, o cântico do Evangelho tem uma importância fundamental. Êle anuncia a paz na terra e a boa vontade. Para os homens cuja vontade se havia enfermado pelo pecado, o Evangelho anuncia a possibilidade de esta se restabelecer. A possibilidade de a vontade má do homem tornar-se uma vontade boa.

Kant na sua "Metafísica dos costumes" acentua que de tôdas as cousas que se podem conceber no mundo, nenhuma pode ser considerada irrestritamente boa senão a boa vontade. Porque todos os demais atributos humanos, ou os talentos do seu espírito, por mais desejáveis que possam ser, tornar-se-ão perniciosos se forem guiados por uma vontade má.

O homem pode educar-se perfeitamente, instruir-se até mais não poder. Entretanto, se fôr dominado por uma vontade má, dirigida pelos baixos sentimentos do seu sêr, sua vida será um fracasso. Êle saberá o que é o bem e o que é o mal, mas poderá querer o mal e rejeitar o bem. Esta possibilidade é a grande tragédia do puro humanismo.

O Evangelho é a grande boa nova de ser possível a boa vontade entre os homens. Não significará de uma vez o estabelecimento de uma ordem divina entre os homens. Se fica afastada a tragédia do humanismo, do homem saber o que é o mal e entretanto querê-lo, ainda há o drama cristão descrito por S. Paulo: "O bem que quero fazer não faço, mas o mal que não quero, êsse faço". Isto é, a ordem exterior ainda permanece enferma, mas a vontade interior já se restabeleceu. Ou, na expressão do Apóstolo: "Vejo nos meus membros uma Lei que batalha contra a Lei do meu entendimento e me prende debaixo da lei do pecado". Drama que não consegue perturbar a serenidade cristã por saber que, apesar de tudo, apesar dessa ordem exterior que geme sob o pêso do pecado, o cristão sabe que certamente êle quer, quer o Bem e, por isso, dá graças como Paulo — "Graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor, que assim eu mesmo com o entendimento sirvo à Lei de Deus, mas com a carne, a Lei do pecado".

Êsse restabelecimento da vontade, dantes enferma pelo pecado, é a grande nova do Natal. Inútil o castigo da Lei para fazer o criminoso querer o bem; inútil a educação para fazer o homem aborrecer o mal; inútil qualquer esfôrço humano para restabelecer uma vontade enferma. Só Cristo pode efetuar êsse milagre de restabelecer a Vontade, ou, conforme a expressão de Paulo aos Filipenses: "Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar segundo a sua boa vontade.

Essa adequação da vontade do homem, antes má, à boa vontade de Deus é a grande transformação que o cristão deve experimentar para ser de fato cristão. Com efeito, ser cristão não é praticar um determi-

nado culto; é praticar aquêle verdadeiro e racional culto de que falava S. Paulo: "Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com êste Mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus".

Como se vê, o Apóstolo, ainda numa seqüência da mensagem evangélica dos anjos aos pastôres, conclama o cristão a experimentar qual seja a boa vontade de Deus, transformando a sua vontade humana nessa boa vontade divina.

O Evangelho, isto é, a Boa Nova, que começou pelo anúncio da possibilidade da Boa Vontade entre os homens, continua a ser sempre uma infinita variação em tôrno dêsse tema central da boa vontade, dêsse restabelecimento da vontade enferma pelo pecado. Cristo veiu ao mundo para que isso fôsse possível; foi essa a nova de grande alegria que os anjos trouxeram aos pastôres e a todo o povo; foi êsse o primeiro Evangelho, a primeira boa nova, a primeira mensagem de Natal.

PODER DA PERSONALIDADE

Basta às vêzes a vista de um homem grande e generoso para inspirar a mocidade, que nunca pode deixar de admirar e amar o que é bom, valente, verdadeiro e magnífico. Chauteaubriand não viu Washington senão uma vez, mas lembrou-se dêle tôda a sua vida. Depois de ter descrito a entrevista, acrescenta: "Washinton desceu à sepultura antes que os meus passos tivessem o mais pequeno éco; passei diante dêle como o ser mais desconhecido; êle estava no seu apogeu, eu na minha obscuridade; pode ser que o meu nome não ficasse um dia inteiro na sua memória. Mas sinto-me feliz por ter o seu olhar caído sôbre mim; deu-me ânimo para o resto da minha vida. Há virtude no olhar dum grande homem.

———)★(———

No século XVIII, foram feitos em França curiosíssimos testamentos. Um dêles foi o do juiz que deixou cem mil francos a uma casa de loucos, declarando:

"Ganhei êsse dinheiro graças às pessoas que passam a vida em demandas. Legando-o aos loucos, não faço mais do que uma restituição.

TESOUROS ABERTOS

"...e, abrindo os seus tesouros, lhe ofertaram dádivas: ouro, incenso e mirra."

Dar é a concretização do amor, sua prova, sua mais perfeita expressão. Daí ser muito significativo o costume de dar para comemorar a data mais extraordinária do calendário universal, quando Deus mostrou ao mundo o seu amor dando a maior dádiva possível.

Nós gostamos de dar, no Natal, presentes aos nossos amigos e queridos, escolhidos com esmêro, embrulhados com carinho, em papéis bonitos, amarrados com fitas coloridas e cordões dourados; pacotes pequeninos ou grandes, mas sempre vistosos.

Sem dúvida esta tradição é inspirada também na belíssima história dos magos do oriente. Almas crentes, que viram no despontar de uma nova e bela estrêla a revelação divina aos seus corações ansiosos por uma luz maior e repletos de doce esperança.

Entretanto, há uma diferença entre o nosso dar e a maneira como deram aquêles eruditos astrólogos do passado. Êles não se detiveram a fazer pacotes ou pacotinhos mas, ante a plena satisfação que abençoava suas vidas, diante do quadro supremo da realidade gloriosa que lhes mostrava o amor e fidelidade de Deus de maneira tão significativa, abriram seus tesouros e dêles lhe ofertaram dádivas. Tesouros abertos! Dádivas de tesouros abertos significam ofertas de corações abertos, dóceis, prontos para crer, aprender e obedecer. Tesouros abertos falam de vidas que se entregam em holocaustos de gratidão.

Muitos de nós, sem dúvida, não somos nem sábios nem ricos. Nossas vidas, porém, sejam quais fôrem, são tesouros preciosíssimos, comprados pelo mais alto preço que já tem sido pago em tôda a eternidade. Mas tesouros cujo valor se torna maior ou menor conforme o uso que dêles permitirmos fazer ao supremo possuidor, ao Rei dos Reis e Senhor dos Senhores.

Ilza Bretones

Como situar a liberdade humana em face da Providência Divina? Êste artigo lança um pouco de luz sôbre o problema

FANTOCHES ? NÃO !

Dr. Trevor Davie

"A providência vem-me sendo contrária, mas, se continuar assim, um poder mais alto lhe porá um paradeiro", dizia uma senhora.

E' lamentavel notar como muitas pessoas alimentam idéias erradas, estranhas e pervertidas a respeito do significado da vida, sem curso, suas finalidades.

"Estando Deus no Céu, tudo vai bem na terra", reza uma canção. "Não, dizem muitos, Deus póde estar no Céu e quase tudo continuar errado no mundo."

Um moço ia caindo do alto de um andaime; seu avental, prendendo-se numa saliência, êle ficou suspenso no ar até que o correram. Confessou que deve sua vida à prece e à providência. Durante muito tempo não cessou de entoar lôas aos maravilhosos caminhos da providência. Eis, porém que sua mãe morre subitamente — e nada o póde consolar. Agora êle crê firmemente que Deus preservará sua vida para torturá-lo mais tarde.

Como se vê, a crença que certas pessoas têm na providência é,às vêzes, uma cousa tão frágil e leviana que se esborôa ao sopro da primeira prova, quando devia ser o produto da experiência, fruto da fé.

Muita gente, como êsse moço e aquela senhora, têm o máu vezo de querer manipular Deus para enquadrá-lo em seus próprios desejos ou planos.

As manifestações da providência muitas vêzes nos desorientam, deixando-nos perplexos, porque figuramos Deus como um tio severo que se apresenta com os bolsos recheados e mãos abertas para recompensar os que mereçam prêmios; ou então imaginamos que existe, em atividade, uma influência maligna caprichosamente dirigida contra nós; que em lugar de uma providência, o que existe é uma vasta in-

diferença; que existem duas fôrças, uma boa e outra má, luz e trevas a lutarem entre si, num dualismo ainda inconquistado. Muitas são as variações do tema, e em nenhuma se encontra a resposta cristã. Qual é esta?

E' certo que não conhecemos tôdas as respostas que esclareçam o significado da vida, deslidem seu curso, mostrem suas finalidades.

O Evangelho não nos fornece uma resposta clara. Contem contudo certas revelações que constituem para nós amparo seguro nos momentos complicados da existência. Oferece-nos um ponto de vista e reveste-nos de um poder. O ponto de vista é a colina do Calvário; o poder é a graça de Deus, imerecida e incomensuravel, dispensada através de Cristo, Salvador nosso.

Revestidos dêsse poder, e partindo dêsse alto ponto de vista, já não nos desorientamos à vista de muita coisa que parece negar a existência da providência, ou que parece fazê-la contraditória. Reconhecemos a vastidão de perspectivas compreendidas no plano divino, a tremenda extensão dos horizontes de Deus.

Compreendemos como sòmente Deus, e Deus tal como o Evangelho nos revela, podia fazer do cáos o cosmos, da argila o homem, do homem um filho; nascer como uma criança, morrer como um traidor, ressurgir dentre os mortos para viver majestático e glorioso na citadela de nossas almas, feitas centro do universo.

Nós teriamos feito, ou desejáramos ter feito, as cousas de modo diferente; tê-las-íamos feito muito mais simples, com menos complicações, pensando evitar sérios problemas que a divina providência cria.

Fariamos tudo muito bem enquadrado, seguindo sempre a linha lógica de acontecimentos previsíveis, como num filme, baseado numa peça popular, — **Os títeres**, onde homens e mulheres, moços e moças se movem por cordeis. O mundo sem complicações que gostaríamos de criar seria assim um mundo de fantoches, bonecos e bonecas, mas nunca um mundo de homens e mulheres, movendo-se num mundo de verdadeira liberdade, embora dentro de limites, num mundo cujo sentido de ordem muitas vêzes nos escapa, mas que existe sem dúvida na vastidão dos desígnios de Deus, que nos forneceu um princípio de crescimento, fêz-nos capazes de amor e de bondade, e se ofereceu a si próprio como Pai e Amigo, mediante a fé em Cristo, nosso Salvador.

Já nada nos deixa perplexos.

Más colheitas, fome, guerras, desastres nacionais, tragédias pessoais, — tôdas aquelas cousas sinistras a que Paulo se refere:

tribulações, aflições, perseguições, nudez, espadas, — temos fôrça para enfrentá-las, não nos importando tôdas as vêzes que não pudermos explicá-las.

Di-lo o Evangelho, confirma-no a nossa fé e a nossa experiência que nada existe que nos separará do amor de Deus que está em Jesus Cristo, nosso Salvador.

A sua providência não trata com fantoches, desenvolve-se no meio de homens e mulheres, tão espirituais e inteligentes que são capazes de partilhar, para todo o sempre, as melhores dádivas divinas.

(Do **The Christian World**,
trad de O. A.)

———)★(———

FÁCIL DE ENTENDER

Certa ocasião, quando viaja pela África, lutando sempre contra o tráfico de escravos, Livingstone, perto do lago Nyassa encontrou -se com um grupo em que uma longa fila de homens, mulheres e crianças estavam amarrados uns aos outros. Os homens traziam troncos presos ao pescoço. Condutores de escravos, com espingardas ao ombro, estavam radiantes por terem prendido aquêle grupo de selvagens que iam ser vendidos como escravos. Feitores tocavam com orgulho longas cornetas de fôlha de Flandres.

Quem dirigia êsse grupo de infelizes, vendo Livingstone deu alarma e fugiu pela floresta no que foi acompanhado por todos os seus auxiliares. Imediatamente Livingstone e seus companheiros cortaram os laços que prendiam mulheres e crianças; tomaram uma serra e serraram os troncos que estavam ao redor do pescoço dos homens. Com a madeira dos troncos fizeram uma linda fogueira para cozinhar o almôço com que os escravos libertados, que morriam de fome e sêde, se reanimaram.

Um rapazinho, escravo dez minutos antes mas agora livre, aproximou-se de Livingstone dizendo:

— Os outros nos amarram e matam-nos de fome e sêde; os senhores cortam-nos as cordas e convidam-nos a comer. Que espécie de gente são os senhores e de onde vêm?

Êsses libertos foram o comêço de uma igreja que se organizou na África. Não teria sido fácil ensinar a êsses selvagens complicadas doutrinas religiosas mas compreenderam êles fàcilmente um ato de bondade que a favor dêles se praticou.

O EVANGELHO NA LITERATURA

Oscar Arruda

Teve o escritor norte-americano Ward Adair a feliz idéia de extrair de livros de ficção, romances, contos, etc., mensagens que se enquadram nos preceitos do Evangelho — dir-se-ia, por êle inspiradas — apelidando-as, pois, mensagens vitais; daí o seu livro, tão interessante, *Vital Messages in Modern Books.* O principal capítulo dêsse livro, o mais belo, substancioso e instrutivo, trata do fato psicológico (tanta vez notado por filósofos, ensaistas, dramaturgos e romancistas) da dupla personalidade, assunto explorado por Robert Louis Stevenson em sua obra *O Dr. Jekyll e o Sr. Hyde.* "Um tratado imortal sôbre a dupla personalidade encontra-se na epístola de S. Paulo aos Romanos. No capítulo 7 ocorre aquela famosa passagem que alguém com justeza chamou "A batalha dos Eus". Quarenta e seis vêzes através daquela breve espaço, se entrechocam os pronomes "Eu", "me" e "meu" em apertado conflito no campo de batalha. Não é de estranhar que, no calor da luta, o guerreiro exclame: "Não compreendo o meu modo de agir; pois não faço aquilo que *quero,* mas sim aquilo que *aborreço.* Está em mim o *querer* o bem, mas não o *executar.* Com efeito, não faço o bem que quero, mas faço o mal que não quero." A história contada no romance de Stevenson é o sétimo capítulo de Romanos apresentado em vestes novas.

Se a algum literato patrício ocorresse semelhante iniciativa, estamos certos de que havia de colher farta messe de sólidas mensagens em romances portugueses e brasileiros, inda os menos prometedores como o *Primo Bazilio,* de Eça de Queiroz, que, à pág. 39 descreve a angustiosa necessidade de contacto pessoal com Deus, que nada substitui e é tanta vez inculcado nas sagradas letras: "E depois sentia-se tão infeliz que se lembrou de Deus! Necessitava alguma cousa de superior, de forte a que se amparar. Foi-se ajoelhar ao pé de um altar, persignou-se, rezou o *Padre Nosso,* depois a *Salve*

Rainha. Mas aquelas orações, que ela recitava em pequena, não a consolavam; sentia que eram sons inertes que não iam mais alto no caminho do Céu que a sua mesma respiração; não as compreendia bem, nem se aplicavam ao seu caso: Deus, por elas, nunca poderia saber o que ela pedia, ali, prostrada na aflição. Queria falar com Deus, abrir-se tôda a êle: mas com que linguagem? Com as palavras triviais, como se falasse (a uma amiga)..."

Uma das mais belas mensagens que já encontrei em livros de literatura de ficção está no conto de Thomas Hardy "A tragédia de duas ambições". Porque é que êsse conto me impressionou? Impressionou-me pela verdade de observação quando evoca uma condição humana, dolorosa, sem dúvida, e ao mesmo tempo aponta o modo de a gente viver serenamente conformado dentro dessa triste condição. Uma condição humana, porque, efetivamente, qual de nós não tem uma cruz a carregar na vida?... Devemos carregar a nossa cruz, e isto diàriamente, diz o Mestre. E acrescenta o apóstolo Paulo: "... e suportar com resignação a vergonha daí advinda." É êsse o ámago do conto de Thomas Hardy. Procurarei condensar essa obra-prima da arte literária. Dois irmãos, Josué e Cornélio, queima-lhes a alma uma ambição febril: ingressar no clero anglicano. Ora, para fazer carreira, a condição básica é possuir prestígio social. Dispostos estão aos maiores sacrifícios para adquirir e sustentar a consideração no seio da sociedade aristocrática. Por ora, lutam pela aquisição de conhecimento especializado: esforçam-se na tradução do original grego da Epístola de S. Paulo aos Hebreus, uma epístola cheia de dificuldades e helenismos. Essas dificuldades êles as vencerão: põem-se-lhes diante, todavia, dois obstáculos muito mais sérios: a pobreza e a presença do pai — um pária, libertino e bêbado. Só isto bastaria para lhes barrar por completo qualquer êxito na vida eclesiástica. Não têm mãe e conseguem desvencilhar-se do pai, remetendo-o para o Canadá. Já foram ordenados. Um nobre inclina-se a casar com Rosa, irmã única, que êles heróica e muito calculadamente fizeram educar-se em Colégio da alta classe social. Ferve-lhes a ambição. O casamento de Rosa lhes outorgará a entrada no mundo da aristocracia. Neste ponto crucial — eis que lhes chega a notícia de que o pai deixara o Canadá e, ainda mais, está na estrada, a caminho do castelo onde reside o futuro noivo. Urge impedir a aproximação. Os dois irmãos deixam Rosa no palácio em companhia do futuro noivo e, pretextando

alguma cousa, seguem pela estrada ao encontro do pai, dispostos a afastá-lo a qualquer preço, para que êle não se torne um obstáculo à carreira dos filhos, não lhes arruine as esperanças, malogrando o brilhante casamento de Rosa. Encontram-no, meio embriagado, já à vista da aristocrática mansão. Tentam dissuadí-lo. O velho obstina-se: "É minha filha, quero levá-la ao altar, ou darei escândalo..." Não há remédio: é um palácio de esperanças que se desmorona. A vida e a felicidade de Rosa... A reputação de Josué e de Cornélio... A sua *chance* de sucesso... Eliminam o pai, arrojam-no às águas negras e fundas do rio. Muito tempo depois encontraram o corpo, porém já tão desfigurado que não foi possível estabelecerem a sua identidade. Roido de remorso, numa confidência com o irmão, pondera Josué: "Não nos adiantou cousa alguma termos estudado tão de perto a nossa Epístola aos Hebreus... (Cita em grego o versículo 2 do capítulo 12 da Epístola: "Êle (Jesus) sofreu a cruz com paciência, resignado com a vergonha que ela representava." Termos abraçado a cruz, desprezando a ignominia dela, teria sido a verdadeira grandeza, Cornélio! Mas agora acontece-me muitas vêzes desejar pôr têrmo a meus tormentos, aqui, vês tu, neste mesmo lugar.

— Como tu, eu também tenho pensado nisso.

— É o que um dia o faremos, murmurou o irmão.

— Talvez, respondeu o outro, pensativo.

Como é que Josué e Cornélio liam a Epístola aos Hebreus? Liam-na com interêsse filológico e ambição material. Dêsse modo, eis a tragédia: uma passagem que poderia tê-los salvado, que os salvaria sem dúvida nenhuma, deslizou-se-lhes pela consciência, com efeito nulo.

Como lês tu?

Temos que ler pondo em prática, *experimentando* o conceito expresso, como exige o Prof. Frank Baster, da Universidade da Califórnia, segundo nos conta a revista *Time*, o qual impõe que seus alunos *experimentem* Shakespeare, que não apenas *leiam* as palavras do Bardo do Avon.

Camilo Castelo Branco no *O Bem e o Mal*, pág. 43, refere-se a um moço que lia tão apegado a outros interêsses que perdia o espírito da cousa expressa na leitura. "As graças campestres das Geórgicas de Vergílio sabia traduzí-las em termos frios, rigorosamente gramaticais, irrepreensíveis em sã fradesca latinidade; porém no interno de sua alma, nenhum enlevo o transportava da eufonia do verso para a

formosura dos prados, das fontes, e do luar das noites solitárias."

Em Eça de Queiroz, na *Ilustre Casa de Ramires*, pág. 85, vemos o fidalgo Gonçalo Mendes Ramires que acaba de lançar no papel uma frase que lhe brotara da inspiração, verdadeiro achado literário, de que se orgulha: "De mal com o Reino e com o Rei, mas de bem com a honra e com a consciência." Ah! (diz Eça) como ali gritava a alma inteira do velho português, no seu amor religioso da palavra e da honra! No entanto, Ramires, enlevado na frase que criara, que lia e relia, não dava tento de que acabava de cometer uma torpe falta à sua palavra e à sua honra...

Como lês tu?

É a pergunta que vem ecoando aos nossos ouvidos através dos séculos. E a resposta tem sido bastas vêzes uma triste negativa. Temos lido muito mal. Lemos que o amor de Deus e o amor do próximo resume tôda a Lei e os Profetas. Que devemos pagar o mal com o bem. Que devemos amar até mesmo os nossos inimigos. E praticamos a Inquisição da maneira cruel, fria e bárbara, representada em períodos lapidares, marmóreos, no seu estilo de solenidade bíblica, por Alexandre Herculano, em sua História da Inquisição em Portugal.

Lemos constantemente a parábola do Bom Samaritano e praticamos as iniqüidades de *Little Rock*...

Lemos que a vida de uma pessoa não consiste na abundância das cousas que possui, mas deixamos que o dinheiro endureça os nossos corações e destrua qualidades vitais de nossa vida.

Lemos a parábola do rico e de Lázaro, horrorizamo-nos com os sofrimentos do argentário, e sofrimentos determinados sòmente por ter sido indiferente à vida eterna e continuamos indiferentes às realidades espirituais.

Como lês tu?

Permita Deus que saibamos ler; invoquemos a descida do paráclito para podermos ler com os lábios e com o coração, transformando em experiência pessoal, ardente e sincera, a letra fria, que mata, realçando-a no espírito ovante, que vivifica.

———)★(———

"Mandai educar o vosso filho por um escravo, dizia um Grego da antigüidade, e em lugar de um escravo tereis dois".

DIRETRIZ EVANGÉLICA

CREIO NO HOMEM

GEORGE P. HOWARD

Eu admiro a raça humana. Há muitos que a desestimam, a rebaixam em seu prestigio e a acusam de se ter desencaminhado. Mas eu creio que a humanidade não se tem portado tão mal. Desde o princípio se encontrou o homem só em um vasto universo, e não só isso, mas era êle o único ser que possuia a capacidade de sentir a solidão. Ao descobrir tal condição, começou o homem a lutar contra ela.

Em primeiro lugar nós os homens encontramos uma luz para nossos espíritos, um Deus, e isso nos proporciona um sentido de direção, de destino e de esperança. Logo estabelecemos normas de convivência com o nosso próximo. Muito cedo em nossa experiência começamos a dar-nos conta de que a bondade e a boa vontade, em lugar da fôrça bruta, eram, mais práticas. Nenhuma outra espécie vivente fêz tal descoberta, nem a adotou como código modêlo e prático para a conduta.

Somos honrados e dignos de confiança, e quando aparece um ladrão ou criminoso, é uma grande novidade que ocupa espaço em nossa imprensa. Aos 99% que são decentes e que cumprem seus deveres, não se lhes dá um destaque especial no noticiário.

O silêncio e o mistério nos rodeiam, e um escuro precipício de incerteza nos espera. Contudo, continuamos a sorrir, a cantar, a pintar, a fazer poesias, trazendo filhos ao mundo, tornando-nos termos com os netos, fazendo planos como se houvéssemos de viver mil anos.

Sonhamos com o impossível e nos aproximamos do irrealizável. E se alguma vez alcançamos o ideal, logo lhe damos as costas e nos propomos a procurar outro mais alto. Em nossas ânsias de progresso vamos caindo, tropeçando, mas nos levam anos, enxugamos a ferida, e exclamamos: "Não é nada; poderia ter sido pior".

Entre todos os seres viventes do mundo o homem é o único que descobre e admira o belo. Somos os únicos seres que contemplamos o meio em que vivemos para criticá-lo e melhorá-lo. Da terra extraímos alimento, e anos após ano melhoramos êsse alimento. Tomamos o calor e a luz de modo que a escuridão que cobria a face da terra é dissipada pela luz feita pela mão do homem. Diàriamente desfrutamos os benefícios dos produtos que nossa curiosidade cria.

Nosso espírito inventivo nos proporcionou os meios de locomoção suavemente no fundo dos mares e acima das nuvens. E agora estamos contemplando os planetas vizinhos para explorá-los. Ninguém se surpreenda se algum dia o homem for veranear em um dos satélites do sol. Como não havemos de admirar tão ingenhosa criatura?

E agora o último sonho que começa a acariciar êste ser em cujo coração pôs Deus a eternidade, é o de um govêrno mundial, um govêrno global para fazer justiça a brancos e prêtos, a grandes e pequenos, a ricos e pobres. Essa não é a idéia de um miserável pigmeu humano, mas a de um gigante humano. Sou partidário do homem, e espero maiores coisas dêle porque Deus ao criá-lo o fêz pouco menor que os anjos, e o cobriu de honra e glória, como diz o Salmo.

Claro está que, de si, a generalidade dos homens é de pobre qualidade, a menos que os contemplemos do ponto de vista da eternidade. Carlyle, o historiador inglês, queixava-se da mediocridade dos habitantes da Inglaterra, dizendo: "Quantos milhões de pessoas, a maioria de idiotas.. quanto mais contemplo os homens mais alta opinião tenho dos cachorros". Richard Wagner, quando o consultaram sôbre a conveniência de ampliar um dos teatros para que agasalhasse maior número de pessoas para ouvir sua música, exclamou: "Mais lugar para porcos?" . . .

Êsse cinismo é fácil. O valor do homem não está no que êle é, mas no que poderia chegar a ser. Charles Malik disse certa vez: "Se a mente divina, movendo-se sôbre o caos pôde criar o universo, é certo que a mente humana, formada à maneira da divina e saturada com a verdade, poderá também dominar a atual ordem de coisas."

Quando o filho pródigo disse ao pai: "Não sou digno de ser chamado teu filho", disse algo louvável; mas quando pediu que o rebaixassem à condição de servo, pediu algo impossível. Porque abusara de sua liberdade desejava renunciar a ela. Mas o pai lhe disse que não; no mesmo ato do perdão o pai insistiu em que êle cumprisse suas obriga-

ções de filho, de que fôsse o que era: filho.

Quantas vêzes temos desejado ser como o relógio que trabalha sem parar quando lhe dão corda. Estaríamos livres da responsabilidade de pensar com a cabeça e de resolver tantos problemas difíceis! Quanta gente se tem submetido a uma autoridade superior, renunciando assim à sua liberdade pessoal para livrar-se da necessidade de fazer frente às austeras contingências da vida. Muitas pessoas não estão dispostas a correr os riscos da vida. Mas a alma humana cresce quando se acha em meio à incerteza e quando tem que viver perigosamente. A verdade não é cômoda companheira para espíritos preguiçosos.

"Deus nos oferece para que escolhamos", disse Emenson, "entre a verdade e a tranqüilidade. Não podemos ter as duas". O servo estará tranqüilo e continuará sendo servo. Mas o filho tem liberdade e intranqüilidade; contudo será o herdeiro de seu pai. Os animais inferiores são servos. Mas Deus fêz o homem para que êle seja filho. Por isso eu creio no homem. Há algo nêle que não o deixará ser sempre um escravo.

(De Nueva Democracia)

———)★(———

SOBREVIVÊNCIA

A ave não teria o instinto de fugir no inverno para o sul, se não houvesse um sul para a receber. O Criador não teria posto em nós o legítimo desejo duma vida maior, mais completa, num desenvolvimento integral de tôdas as nossas faculdades, a aspiração à imortalidade, se não houvesse uma realidade que lhe correspondesse.

———)★(———

Acaso invejaríamos os queridos que perdemos, ao pensar nas incomparáveis alegrias que estão gozando? E' justo que nos ocupemos ùnicamente de nós? Bendigamos, antes, a êsse Deus, todo sabedoria e bondade, porque, na partilha das dores e delícias que houve por bem ordenar, nos couberam as dores tôdas e, aos objetos de nossa afeição, tôdas as delícias. — Gonthier.

ÀRVORE DE NATAL

De onde veio o costume de usar pinheiros na festa de Natal? De uma lenda. Ela diz que, por ocasião do nascimento de Jesus, os povos, os animais e até as árvores sentiram-se muito felizes. De tôda a parte acorriam multidões para ver o recém-nascido e oferecer-lhe presentes.

Bem perto da cripta de Belém, havia três árvores e também elas desejaram oferecer dádivas a Jesus.

A palmeira disse: "Eu escolherei a mais bela das minhas folhas e a oferecerei para que faça sombra sôbre Êle".

"E eu — disse a oliveira — espargirei óleo perfumado sôbre a sua cabeça".

"Que posso eu fazer para Cristo?" — perguntou o pinheiro que perto se erguia.

"Vós — gritaram as outras árvores — vós nada podeis oferecer-lhe. Vossas agulhas o ferirão, e as vossas lágrimas são viscosas, não servem para presente".

O pobre pinheiro sentiu-se muito infeliz e disse: "Vós tendes razão, eu nada tenho para oferecer a essa querida criança".

Neste momento, um anjo que estava perto e que ouviu a conversação das árvores, compadeceu-se do pinheiro, que se sentia tão humilhado perto de suas companheiras. Então, quando a noite chegou e as estrêlas apareceram, êle pediu a uma delas que descessem e se localizassem nos galhos do pinheiro. Elas atenderam, e o pinheiro, de um momento para outro, passou a resplandescer de beleza.

Nesse momento, Cristo abriu os olhos — porque Êle estava dormindo — e a luz das estrêlas o impressionou tanto, que Êle sorriu.

É lenda, mas muito interessante.

A OBRA-PRIMA

(Adaptação em versos de uma ilustração
de W. O. Godwin)

MÁRIO BARRETO FRANÇA

Era um grande pintor...
Diante da galeria dos seus quadros,
Cada qual mais real, mais expressivo,
Mais cheio de beleza multicor,
Êle notou que estava ali faltando
Um que seria a sua OBRA-PRIMA,
Se achasse as côres puras e o motivo
Que fixassem, em talento e perfeição,
As idéias, que o vinham torturando
No ineditismo da imaginação...

E cheio dessa angústia incompreendida
Que vive em nosso peito a soluçar,
Êle sai à procura pela vida
Da deusa inspiradora da arte pura,
Do motivo sublime de criar...

Encontrou no caminho um sacerdote
Que lhe pergunta: — "Aonde tu segues? aonde?" —
— "Não sei! (O artista pálido responde)
Vou sem destino para ver se encontro
A cousa que sublima,
O motivo mais belo dêste mundo,
Para pintar a minha OBRA-PRIMA!"..

— "E' muito simples! (Diz-lhe logo o monge)
Da terra, em qualquer parte, perto ou longe,
Há sempre alguma crença, alguma igreja,
Onde a Fé, num cruzeiro simboliza
Tudo aquilo de bom que se deseja!"...

Mas, no templo e na fé que procurou,
A inspiração o artista não achou.

Prosseguiu a viagem. Mais adiante
Encontrou uma noiva jovem e linda;
E perguntou se ela sabia ainda

Onde encontrar a cousa mais perfeita
Que a beleza do mundo exalta e enfeita.
— "E' o Amor! (Ela afirma) O Amor perdoa;
E encanta a vida num sorriso em flor;
Santifica no bem qualquer pessoa;
E faz da terra um céu renovador!..."

Mas a visão do Amor, banhada em luz,
À inspiração o artista não conduz.

Seguindo além, cruzou em seu caminho
Um soldado que, exausto, regressava
Dos campos das batalhas desiguais...
Fêz-lhe a mesma pergunta, de mansinho;
E êle responde — "Meu amigo, é a Paz!...
Paz que é descanso e fonte de alegria;
Que é gládio da justiça e garantia
De mil venturas que não murcham mais;
Pois onde existe a Paz há, com certeza,
A síntese gloriosa da beleza!". —

Mas, no mundo de lutas, perseguida,
O artista viu a Paz fugir da vida...

À casa regressando, conjectura:
— "A FÉ, O AMOR! A PAZ!... como pintá-los?
E como num só quadro conjugá-los
Na máxima expressão de formosura?"...

Mas, ao entrar no abrigo da família,
Viu a FE' a luzir no olhar do filho;
No sorriso da espôsa o AMOR cantava;
E, nas horas de pouso ou de vigília,
A PAZ, divina e bela, fulgurava...

E dessa orquestração de côr e brilho,
Êle pintou um quadro singular,
Em que a cousa mais bela dêste mundo
Era a doce harmonia do seu LAR.

E o LAR, que a FÉ, o AMOR e a PAZ sublima,
Foi do artista, afinal, sua OBRA-PRIMA.

Vida Espiritual

O SENTIDO DA VIDA

Juvenal Ricardo Meyer

Há pessoas que pensam que estão neste mundo sem uma finalidade definida. Entretanto, há razões para se pensar que não é assim. Há motivos para se afirmar que a vida humana tem um objetivo muito claro e um sentido dignificante.

A primeira consideração que nos leva a pensar dêste modo é o grau elevado da inteligência humana. Com a sua capacidade de pensar, de falar, de escrever, de raciocinar, de descobrir as leis que regem os fatos, o gênero humano tem grandes possibilidades. Apesar de ainda estar nos primórdios do seu desenvolvimento, a inteligência humana já promoveu realizações estupendas no campo da ciência e da arte. Conquanto as suas conquistas no domínio da moral, da religião e da ética não sejam tão grandes, o patrimônio de princípios espirituais que servem de base à civilização, não deixam de nos impressionar nem de nos dar alento para esperar aquisições ainda maiores no domínio das relações inter-humanas.

Dotado de uma elevada capacidade de discernimento, o homem poderá progredir ainda muito mais. Há sempre alguns espíritos mais esclarecidos que, pela influência que exercem sôbre os demais, não cessam de contribuir eficientemente para que o mundo se torne melhor. Considerando suas atitudes vê-se que êsses iniciadores sempre souberam empregar as suas possibilidades porquê sentiram que a vida é alguma coisa muito valiosa que, bem aproveitada, produz resultados admiráveis. E, se a vida foi bem empregada por êsses iniciadores, êsse fato se deve à fé que mantinham quanto às possibilidades esplêndidas dos esforços humanos bem orientados. Porisso é

que êles sempre trabalharam para que as condições do mundo fôssem melhores do que as que encontraram. Assim fazendo não só favoreceram seus contemporâneos mas prestaram também grandes serviços a seus pósteros.

Nos dias em que estamos vivendo ha uma tendência manifesta para se corromperem as mais dignas possibilidades do gênero humano. Essa tendência decorre principalmente do fato de se pensar que por tôda a parte só existe o mal; é a idéia de que tudo está irremediàvelmente perdido e de que não adianta trabalhar em favor de melhores dias.

Os grandes benfeitores da humanidade não foram nem criaturas ingênuas, nem criaturas que ignorassem as tendências humanas para a prática do mal. Muito ao contrário. Foram conhecedores profundos da alma e das fôrças negativas que conspiram contra o progresso integral da civilização. Não raro mantiveram contra essas potestades os mais árduos combates. Eram, porisso mesmo, conhecedores de causa. Mas, a certeza de vitória, a convicção arraigada em sua consciência, como que por verdadeira intuição, os levaram a agir e a fazerem o que estava a seu alcance. É assim que fazem os inteligentes bem orientados. Sabem o que é preciso, percebem o que devem fazer, dão o que têm para a realização dos seus ideais, confiam nos seus semelhantes e no alcance da boa vontade; não se deixam vencer por barreiras práticas ou teóricas, nem pelo ceticismo, nem pela incompreensão de seus contemporâneos e, pela palavra e pelo exemplo, realizam aquilo que parecia impossível.

Há uma fôrça superior que os inspira, que os mantém e que lhes infunde energias impensadas. Atraídos pelo ideal e pela fé, sob o impulso de fôrças que as emoções superiores imprimem sôbre sua vontade, empenham-se, lutam, resistem e vencem. O que parecia impossivel, fantástico, inútil ou absurdo transforma-se em realidade; o caminho foi desbravado; a outros será mais fácil prosseguir.

É graças a criaturas humanas dêste tipo que a civilização tem progredido. Em sua expressão mais elevada a vida é isso. Sim. A vida humana tem um sentido. A vida humana tem uma finalidade superior. Êsse sentido, essa finalidade é o progresso, é o adiantamento. É a realização de novos passos que tornem o homem mais feliz, mais integro e mais útil. É a realização das condições que tornem mais plena a existência sôbre a terra.

———)★(———

Uma página inspiradora de Paulo Rizzo como presente de Natal

As Duas Faces da Estrêla

Paulo Lício Rizzo

Foi talvez pelo fato dos antigos se orientarem pelas estrêlas que se passou a falar do nosso destino como sendo uma estrêla. O povo diz mesmo que tal pessoa nasceu com uma boa estrêla, quando sua vida é feliz, e com má estrêla, quando leva uma existência desastrosa. Assim a êstrela pode significar uma atitude voluntária do homem: é o caso dos navegantes e dos caravanistas que resolvem seguir determinado rumo em sua trajetória pelos mares perigosos ou por desertos enormes, orientando-se pelas estrêlas do céu. "Estrêla" pode significar uma situação em que a vontade do homem se vê anulada pelas fôrças do que se chama comumente "destino".

Há vários modos de se figurar o problema da soberania de Deus e do livre arbítrio do homem. Fala-se de colunas paralelas: uma de prata, a vontade do homem, e outra de ouro, a vontade divina. Fala-se de círculos concêntricos: um limitado, representando a nossa vontade, outro infinito, representando a de Deus.

No 2.º capítulo de Mateus, aparece um fenômeno semelhante, que pode ser analisado comparando-se o versículo 2 com o 9. Em 2, a declaração dos magos mostra que êles resolveram orientar-se pela estrêla: "vimos a sua estrêla e viemos a adorá-lo". Estavam certos de que a resolução fora dêles. Era a liberdade do homem. No v. 9, aparece o movimento da estrêla, indo adite (pro-agw, no original, significa mais do que ir adiante: é conduzir e mesmo levar para diante), como que os compelindo a seguir um destino para êles desconhecido. Em nossa vida resolvemos seguir muitas estrêlas aparentemente fixas. Nosso alvo surge na escuridão de nossas misérias, como brilhou no oriente a estrêla indicando um rumo aos magos. E quando começamos a perseguí-lo, eis que como a estrêla, os planos movem-se pelo poder insondável de Deus, o alvo foge de nossos poderes limitados e, quando olhamos para trás, podemos constatar que executando a nossa vontade, seguimos também o plano preestabelecido por nosso Pai Celestial. Poderíamos dizer que a nossa estrêla tem duas faces. Uma superior voltada para o Céu e só conhecida por Deus. Outra inferior, visível por nós que peregrinamos pelos desertos da terra.

* * *

I — A primeira face aparece no primeiro versículo da Bíblia. "No princípio criou Deus o céu e a terra". E' o começo da trajetória de tôdas as estrêlas dentro de um plano completo dirigido por Aquêle de quem são "a terra, os céus, e o céu dos céus". Jeová começa a movimentar as estrêlas. A Abrão diz: "Sai da tua terra e da tua parentela". Sai para uma terra que não podes ver pois as montanhas além do vale a encobrem. Sai de Haran para uma terra que ainda te mostrarei. À sombra do carvalho de Moreh, o Senhor aparece e indica positivamente: Esta é a terra. Abrão fica sabendo que caminhou de acôrdo com os planos de Deus. E continua caminhando... Prospera, tem filhos, sepulta sua companheira e deve agora tomar uma espôsa para seu primogênito Isaac. Como é maravilhosa a série de coincidências na viagem de seu servo para encontrar Rebeca! Mais tarde, o engano que esta e seu filho Jacó tramaram é um vislumbrante terrível mas real da insondável face superior da estrêla. Vem depois o sonhador-mor que vê 11 estrêlas, o sol e a lua, inclinarem-se perante sua face. Por caminhos inesperados, Jeová dirige as 11 estrêlas a implorar mantimento aos celeireiros do Egito, sob a direção de José, não mais o sonhador e sim o governador-mor das terras de Faráo.

Por 4 séculos parece obscurecer o brilho da estrêla de Israel. Volta a fugir, porém, com intensidade renovada até nos instrumentos obstétricos de Sifra e de Pua, que permitem a vida dos bebês hebreus. Entre êstes, um é escolhido para ser chamado "filho da filha de Faraó, o que se dá na romântica aventura do cesto de juncos betumados com pez. O menino salvo das águas torna-se homicida, o que seria a queda final da estrêla, se Deus não dirigisse até o risco fugaz das estrêlas cadentes...

E eis que ela se levanta novamente, assumindo outras formas: de dia é coluna de nuvem e de noite coluna de fogo. Israel continua acompanhando a estrêla que o leva pelo mar Vermelho (onde perecem, de forma inexplicável pela simples agência humana, os exércitos de Faraó) ao deserto de Sin, e, finalmente, por um caminho desconhecido, numa jornada de 40 anos, à terra que mana leite e mel.

A história do povo na Palestina, com seus altos e baixos, conquistas e derrotas, é recapitulada por Neemias (9:6-38) como prova insofismável de um plano cuidadosamente delineado por Deus.

E o profeta que tenta fugir ao desígnio da Providência é jogado nas profundezas do Oceano,

de onde um peixe o conduz ao destino traçado por Jeová, à cidade de Nínive.

Aproxima-se a méta principal dos planos divinos. Precipitam-se os acontecimentos históricos, preparando cenário para o Grande Astro. Na suntuosa noite oriental, sintetizando o brilho da coluna de fogo e a pureza diâfana da coluna de nuvem, surge a Sua Estrêla. Deus fala desta vez pelo côro dos anjos. Nunca a divina arte foi tão sublime: "Glória a Deus nas alturas, paz na terra aos homens de boa vontade".

Os magos seguem a estrêla... Atrás dêles, nos desertos do mundo, caminha a grande caravana... Cada um de nós segue uma estrêla, cuja rota foi traçada no céu. Como diz Kalley:

"As tuas mãos dirigem meu destino
Acasos para mim não haverá!
O grande Pai vigia o meu caminho
E sem motivo não me afligirá".

Quem conhece a vida do autor dêsses versos, sabe com que autoridade êle podia dizer que até as aflições têm um propósito específico em nossa vida. As estrêlas dos bons e das maus ocultam-se muitas vêzes atrás das nuvens de amargura. Deus faz cair sua chuva sôbre justos e injustos.

Qual seria então a vantagem de sermos justos, ou a inconveniência de nos tornarmos injustos? Os magos, diz Lucas, ao verem a estrêla "alegraram-se muito com grande alegria". Seria esta frase pleonástica ou redundante? Para que essa ênfase repiticiosa. E' que ela expressa uma realidade quase indescitível: o prazer que os justos sentem em seguir a estrêla, qualquer que seja a sua trajetória. E' uma serena e intensa alegria, uma paz que o mundo não conhece e não pode conceder. Os ímpios revoltam-se falando em fatalidade, má sorte e injustiça de Deus. Nós, que conhecemos Cristo, podemos vislumbrar, através das nuvens mais escuras, o brilho providencial da estrêla...

Jesus, o justo dos justos, suava sangue no Getsemane. Sofria o bom como também sofrem os maus, com uma pequena diferença. Pequena diferença contida em apenas um versículo magnífico de Lucas (22:43): "Apareceu-lhe um anjo do céu que o confortava". Pequena diferença que é tudo, que transforma a dor em céu, que faz refulgir ainda mais, em contraste com a negrura dos horizontes nas noites de sofrimento, a estrêla que nos conduz.

Meu amigo fôra interrompido em sua carreira justamente na época em que tudo lhe sorria. A doença traiçoeira o prostrou sem esperança de cura. Visitei-o num sanatório. Tive medo de

entrar no assunto obrigatório pela ocasião e pela nossa amizade. Divaguei sôbre política, literatura e até contei anedotas. Êle, porém, chegou ao ponto. "Logo que me formei, julgava que o melhor da vida era executar meus planos. A doença colocou-me em verdadeiro desespêro. Passaram-se os primeiros dias de luta pela vida e Deus me fez compreender que nêste sanatório há um programa para mim. Mais do que isso, que o melhor da vida é o que Deus nos concede e não o que nosso egoismo deseja... Sou feliz, muito feliz, mesmo aqui..." Seu rosto brilhou enquanto pronunciava com segurança essas frases. Dizem que os doentes têm a pele aporcelanada. Mas o brilho que vi no fundo daquele leito de dor, não era louça. Era a estrêla que refulgia emoldurada pela noite abismal do sofrimento.

- - - -

II — Mas, se o homem justo sente prazer até em seguir os caminhos traçados pela mão de Deus, caminhos cujo fim êle desconhece pois "assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos", quanto maior prazer não sentiria em seguir os caminhos que Deus claramente lhe indica? Sim, a segunda face da estrêla é justamente a Vontade de Deus revelada ao homem em Sua Palavra. "Lâmpada para meus pés e a Tua Palavra e Luz para os meus caminhos".

Geralmente coloca-se o problema neste pé: Vontade de Deus ou Liberdade do Homem como se fôssem coisas opostas. Boegner chega a dizer que não se aceita muito a providência total nos dias de hoje, porque vivemos uma época democrática. Os homens dão muito ênfase à sua liberdade com prejuizo da fôrça do govêrno. O argumento não serve. Nada concede mais fôrça a um govêrno do que a liberdade de seus governados. A presente confragração veio provar ainda mais êsse axioma. As nações que deram mais liberdade ao povo tornaram-se os govêrnos mais poderosos.

Elevemos a liberdade humana ao infinito e teremos o poder governativo do Criador em suas medidas exatas. Quanto mais livre o homem, mais executa a vontade de seu Pai. A mentalidade totalitária não compreende isso. Mas Deus é democrata, o maior respeitador da vontade individual. Por isso os magos podiam dizer: "Vimos sua estrêla no oriente e viemos adorá-lo". Seguiram porque quiseram olhando a face inferior da estrêla. Deus, porém, a movia para a execução de seus decretos. Tôda forma de liberdade que conhece-

mos implica um sistema de govêrno. Porque a liberdade do homem não implicará também o govêrno de Deus? A fórmula deve ser, pois, Vontade de Deus e Liberdade do Homem.

O meio para conciliar ambas as coisas é fácil. Usaremos nossa liberdade para fazer a vontade de Deus. Muita gente que anda preocupada em discutir êsse problema transcendental se esquece de resolvê-lo pràticamente procurando seguir o brilho da face inferior da estrêla, da mesma forma que muitos teólogos preocupados com provar a existência de infernos, de vários tipos, se esquecem de livrar-se dos mesmos, pela cruz de Cristo.

Por isso diziamos: a segunda face deve ser a Palavra de Deus, pois ela nos indica o roteiro da vida. Da mesma forma que os antigos se orientavam pelos pontos refulgentes no Céu, nós podemos nos guiar pelo Céu aberto que é a Bíblia.

E como é duro seguir a rota da estrêla revelada no Livro Santo! E' bem mais difícil do que discutir predestinação e livre arbítrio...

Um moço preparava-se para seus exames vestibulares. Sendo muito sobrecarregado de trabalho, pois era pobre, e desejando estudar bem os pontos, não pôde chegar ao último dêles, justamente o que foi sorteado para a prova escrita. O professor, conhecendo os méritos do jovem, simpatizou com êle, vendo-o aborrecido e triste. — Escute, rapaz. Todos seus colegas estão colando. Êles sabem menos do que você e estudaram muito menos também. Eu já forneci informações a muitos dêles. Por que Você não as aceita? Você merece muito mais!

As nuvens obumbraram por um pouco o brilho da estrêla. — O dinheiro gasto por mim e por meus pais! O tempo que irei perder: um ano inteiro de novos esforços e eu já não sou tão moço, nem tenho muito saúde! Todos fazem o mesmo inclusive moços da minha própria religião! Mas, quando alguém se acostuma a seguir a estrêla, esta não o abandona mais. E o rapaz apenas abanou negativamente a cabeça...

Não. Era preferível ficar para trás, enquanto com o brilho da estrêla, que refulgia através da Palavra Santa.

O probelma não é só religioso. O personaogem do Maughan também teve de escolher entre a lua e os seis vintens. Na esfera espiritual, porém, o assunto é angustioso. "Escolhei hoje a quem sirvais" (Jos. 25:15) ou aos deuses de barro dêste mundo ou a Estrêla da Belém. "Não podeis servir a Deus e a Mamon". Sois livres para escolher a quem sirvais: ou vossa vontade é serva de Deus ou escrava das paixões.

Qual dos dois sistemas: democracia divina ou totalitarismo do pecado?

Nosso professor de História era altamente simpático... e ateu. Com facilidade insunuava nos alunos o desrespeito à Biblia e à religião. Até moços crentes eram levados pelas suas palavras, quando, naquela tarde ensinava a origem do homem, segundo Darwin e Haeckel. Alguém tentou discordar e o mestre, que sofria de torturante sinusite, explodiu em gritos furiosos. Era mais dogmático do que a mais dogmática das igrejas que tanto ridicularizava. Na aula seguinte, fez arguição dos alunos sôbre a matéria dada. Coube a uma humilde menina crente, de seus 13 anos, dissertar sôbre a origem do mundo e do homem. Muitos temeram um escândalo sabendo que ela não poderia concordar com as idéias do professor. E o escândalo veio... Nossa colega havia decorado o primeiro capítulo do Gênesis e agora o repetia pausadamente, destemidamente: "No princípio criou Deus os céus e a terra..." Foi o menos barulhento dos escândalos: o professor, vermelho de raiva, não ousava interrompê-la. Havia uma fôrça, um brilho diferente nos olhos da pequena. Era a face inferior da estrêla... O mestre reteve seus nervos para no fim balbuciar: Pelo menos, coragem a senhora tem... A menina transformou-se em senhora, cresceu aos nossos olhos, refulgiu como a Estrêla de Belém.

Sim, o problema não se torna apenas fácil mas sublime, quando consiste no homem resolver que sua vontade livre subordine se ao brilho inferior da estrêla...

Duas faces da estrêla: a vontade de Deus desconhecida e a vontade de Deus revelada. A superior nunca saberemos qual seja, ao certo, neste mundo. A inferior, porém, é mais do que suficiente para vivermos pura e santamente, felizes e alegres. Alegres, sim, estavam os magos naquela noite, porque a estrêla os conduzia a Jesus. O que importa para a nossa felicidade não é discutir as relações inescrutáveis entre as faces da estrêla, mas sabermos se a nossa estrêla caminha ou não para Cristo.

Caro leitor: Ao comemorar mais um Natal, lembra-te da estrêla... Quem sabe se a lembrança daquela noite maravilhosa, não trará à tua mente a rota certa e segurada felicidade, a solução do angustioso problema do teu destino e da tua liberdade? Entrega teu caminho ao Senhor, confia Nêle, e Êle fará que tua estrêla caminhe para o humilde presépio de Belém, de onde domine tôda a paz, todo o dulçor, todo o poder da Grande Estrêla...

Estudos Bíblicos

A Plenitude do Espírito

Adauto Araújo Dourado

A ação dos ventos quentes do verão produz grandes cavernas no gêlo. Quem entrar na famosa geleira do Ródano, na Suíça, ver-se-á completamente envolvido no gêlo. Há gêlo em cima, há gêlo à frente, há gêlo em volta; massas de gêlo, toneladas de gêlo. E alí aos pés, descobrirá, saltando do interior da geleira um regato de água cristalina que vai correndo vale abaixo. Na nascente é pequenino, mas vai engrossando-se e se torna depois ribeiro largo, profundo, com correnteza considerável. Êsse regato leva a fertilidade e a vida a uma grande região, pois atravessa a França central e vai desaguar no Mediterrâneo. E êsse belo rio, que tantas bênçãos espalha, surgiu do interior frígido da famosa geleira suíça!...

Muitas vêzes exclamamos com tristeza: Como está frio meu coração! Tão frio que não me interesso mais pela leitura da Bíblia, pela vida de oração, pela Igreja... O indiferentismo domina-me a vida. O amor de Cristo não mais me aquece o coração, levando-me a interessar-me pelas pessoas que vivem e morrem sem Cristo e sem salvação. Haveria alguma coisa capaz de derreter êste gelado coração e fazer nascer nêle um rio de amor, paz, alegria e poder? Sem dúvida, há. O Deus que faz brotar da famosa geleira o rio belo e fecundante pode fazer nascer em nós um rio de vida abundante e vitoriosa. É Jesus quem fala: "Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva". E o próprio evangelista interpreta essas palavras para que não pairasse nenhuma dúvida: "Isto êle disse com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nêle cressem".

A vida cristã é semelhante a um rio belo e fecundante. Como o Nilo, transborda, levando a vida e a fertilidade para as terras que alcança. Transborda para a glória de Deus e o bem do homem.

Paulo interpreta bem o ensino de Jesus e o transforma num imperativo da vida cristã: "Enchei-vos do Espírito". Ou mais literalmente: "Transbordai em Espírito". Não é mero conselho, é ordem. O verdadeiro cristão transborda no Espírito Santo.

Fôrça é confessar que temos negligenciado o estudo bíblico sôbre a terceira pessoa da Trindade. A nossa ignorância assemelha-se a dos cristãos de Éfeso a quem Paulo perguntou: "Recebestes, porventura, o Espírito Santo quando crêstes?" E êles responderam: "Pelo contrário, nem mesmo ouvimos que existe o Espírito Santo". Não admira, pois, que vivamos tão raquítica e infrutìferamente. Jesus indicou a fonte do poder, nestes termos: "Mas recebereis poder, ao descer sôbre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em tôda Judéia e Samaria, e até aos confins da terra". Essa promessa gloriosa se realizou no dia de pentecostes e a Bíblia regista: "Todos ficaram cheios do Espírito Santo". A Igreja Primitiva realizou obra admirável porque os cristãos estavam cheios do Espírito Santo.

Estudemos, pois, a experiência da plenitude do Espírito. A ordem do apóstolo Paulo tem sido obedecida por uns e desobedecida por outros; por isso a experiência de uns é positiva e de outros, negativa.

Do ponto de vista negativo, perguntaríamos: Por que os cristãos não vivem a transbordar no Espírito? Há sòmente uma resposta bíblica a essa pergunta: Porque pecamos contra o Espírito Santo.

Há, pelo mínimo, três modalidades de pecado contra o Espírito Santo. A primeira consiste em entristecer o Espírito. Paulo escreve: "E não entristeçais o Espírito Santo de Deus". O Espírito Santo vive no coração dos cristãos, está sempre conosco, e muitas vêzes o entristecemos com os nossos pensamentos, palavras e ações.

O segundo pecado consiste em resistir ao Espírito Santo. Estêvam, referindo-se ao povo de sua geração, disse: "Vós sempre resistis ao Espírito Santo". Quando Estêvam estava sendo martirizado, o Espírito Santo falava ao coração de Saulo, mas êle resistia. Sòmente, mais tarde, no campo de Damasco, entregou o coração a Cristo. Quantas vêzes, o Espírito nos tem mostrado o êrro, aconselhado a abandonar o pecado e nós continnamos a resistir ao Espírito.

Nós entristecemos, resistimos e chegamos quase a extinguir o Espírito Santo. Paulo escreve: "Não extinguais o Espírito". Davi, depois de dolorosa experiência do pecado, sentiu a necessidade de orar assim: "Não retires de mim o teu Santo Espírito".

Deus deseja que todos os cristãos vivam em plenitude. "Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância". Mas, infelizmente, temos obstruido os canais, entristecendo, resistindo e quase extinguindo o Espírito Santo em nós e dessa maneira impedimos a manifestação gloriosa da graça divina.

Positivamente, perguntaríamos: Como transbordar no Espírito?

Antes de tudo, é necessário desejar. Infelizmente, na maioria das vêzes nos conformamos com o cristianismo formal, raquítico e cambaleante. Vivemos mal e não desejamos ardentemente a vida real e plena. Jesus disse: "Bem-aventurados os que têm fome e sêde de justiça, porque serão fartos". É necessário ter fome e ter sêde. É nesse sentido que devem ser interpretadas as palavras de Jesus: "Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?"

Em seguida, é necessário esvaziar-nos de nós mesmos, do nosso egoísmo e do nosso pecado. Jesus Cristo apresentou como condição primeira para segui-lo o negar-se a si mesmo.

Esvaziamo-nos, confessando os nossos pecados e renunciando ao pecado.

A Bíblia ensina que devemos confessar os pecados. "Se confessarmos os nossos pecados, êle é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de tôda injustiça".

Com referência à confissão de pecado, devemos evitar dois graves êrros. O primeiro é o da confissão auricular, que encontramos na Igreja Católica Apostólica Romana. Confissão a um sacerdote que se sente com o direito de declarar que a pessoa está absolvida. A prática dêsse tipo de confissão leva o enganoso coração humano a desejar abrir uma conta corrente com o confessionário, com *deve* e *haver*, com pecado e absolvição. A Bíblia nos ensina que sòmente Deus pode perdoar pecados, porque sòmente Êle conhece o mais profundo do coração humano. O segundo êrro, encontramos em algumas reuniões de despertamento religioso, consiste na confissão pública dos pormenores, que não edificam e na maioria das vêzes

escandalizam. Grande e edificante exemplo de confissão de pecados encontramos no Salmo 51.

Não podemos parar na confissão, é necessário renunciar ao pecado. É bem conhecida a oração de Agostinho em determinada época de sua vida: "Ó Deus, faze-me santo, mas não agora". A tragédia é que muitas vêzes amamos o pecado. Peçamos a Deus que nos ajude a odiar tôda e qualquer espécie de pecado.

Quando nos esvaziamos de nós mesmos, pela confissão e renúncia do pecado, desobstruimos os canais da graça divina e Deus nos enche os corações da nova vida.

Os degraus para a plenitude são: desejar ardentemente, esvaziar-nos de nós mesmos e submeter-nos completamente ao Espírito. Nunca devemos esquecer-nos de que o Espírito Santo é uma pessoa, que exige obediência. A Bíblia diz: "O Espírito Santo, que Deus outorgou aos que lhe obedecem".

Discute-se se o cristão tem ou não o Espírito Santo. Sem dúvida, todo aquele que crê no Senhor Jesus Cristo tem o Espírito Santo. É o Espírito que nos convence de pecado, que nos leva a Cristo, que nos faz confiar nêle de todo o coração, que nos dá a certeza de que estamos salvos em Cristo. Uma coisa, porém, é tê-lo no coração, entristecendo-o, resistindo a êle, quase o extinguindo; outra, bem diferente, é entregar-lhe as rédeas da vida. O Espírito Santo requer submissão completa. "Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus".

Vejamos novamente os degraus da plenitude: desejar ardentemente, esvaziar-nos de nós mesmos, submeter-nos ao Espírito e cultivar a vida piedosa. Parece-me que êsse pensamento estava na mente do apóstolo Paulo: "Enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor, com hinos e cânticos espirituais, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo".

Corremos o perigo de alimentar bem o nosso corpo e deixar raquítico o nosso espírito. Se desejarmos transbordar no Espírito, mister se faz cuidemos da vida piedosa, culto individual, doméstico, público, vida de oração e trabalho na Seara do Mestre.

O símbolo da verdadeira vida cristã é um cálice que transborda. Por isso, o velho Apóstolo ordena: "Transbordai no Espírito".

Uma embarcação, tangida pelo temporal, foi muito longe. Acabou a água potável. Pensavam em morrer de sêde, quando viram ao longe um navio. Deram sinal, pedindo água. Aproximaram-se do navio. Ouviram a ordem que abaixassem os baldes,

porque a água sôbre que navegavam era doce, estavam na foz do Amazonas. Tinham bem perto muita água boa e estavam morrendo de sêde. Triste símile da vida de muitos cristãos; vivem miseràvelmente, quando Deus coloca à sua disposição os poderes sobrenaturais do Espírito.

Temos obra gigantesca para realizar. "Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a tôda criatura". Sòmente realizaremos essa obra, se obedecermos ao imperativo da vida cristã: "Transbordai no Espírito".

———)★(———

PERSEVERANÇA

Um belo exemplo de vontade férrea é o que nos dá Darwin, cuja saúde abalada inflingia-lhe um sofrimento constante. Em quarenta anos, não teve um dia de saúde, e, no entanto, nunca deixou de se entregar a um trabalho intelectual que faria sucumbir os cérebros mais poderosos e as constituições mais robustas. Darwin era dotado duma perseverança admirável no estudo de qualquer assunto, e dizia que não poderia suportar a derrota por culpa da sua fraqueza física.

———)★(———

Porventura pensaria a siro-fenícia idólatra em chegar-se a Cristo, caso não tivesse o coração dilacerado pelo tremendo espetáculo de sua filha possessa? Acaso teria Jairo chamado o Salvador se não visse em agonia a sua filha? A maior parte dos discípulos de Jesus aproximou-se dêle porque sofria. — **Eug. Bersier.**

———)★(———

Nem sempre os mais sofredores são aquêles que mais parecem sofrer. Há dores conhecidas só por Deus. — **Ad. Monod.**

———)★(———

Todo aquêle que vive e crê em mim nunca morrerá.

— **Jesus**

Pureza de Coração

Se quisessemos representar por meio de círculos concêntricos os domínios respectivos de cada uma das capacidades psicológicas do homem, o círculo correspondente ao domínio da vontade seria menor do que o que representasse o da inteligência, pois somos capazes de planejar muito mais do que realizamos. Mas o domínio do coração deveria ser simbolizado por um círculo muito maior ainda, porque há experiências profundas na vida que sentimos, mas a inteligência não chega a explicar. É por isso que se diz que o coração tem razões que a razão não entende.

Ora, se o domínio dos sentimentos é assim tão amplo, fácil seria aceitar que sua influência na vida espiritual seja incomensurável. E realmente é. Jesus, que conhecia os refolhos da psicologia humana foi que disse: "Bem-aventurados os puros de coração porque êles verão a Deus." Dêsse modo está o Mestre focalizando uma lei que tem reflexos os mais diversos no caráter humano.

Destaquemos alguns dêles.

Os sentimentos podem dar colorido especial a tudo quanto apreciamos, colorido que, em certos casos, chega até a deformar as realidades que observamos. Eis alguns casos:

Um fazendeiro trouxe o filho pequeno para esta cidade. O menino que nunca saira da fazenda, ficou deslumbrado com tudo quanto viu aqui: a altura dos prédios, os anúncios luminosos, a multidão que se movimenta nas ruas e tudo mais deixou naquela mente infantil a impressão de que não haveria lugar no mundo melhor do que êste. Essa foi a primeira impressão. Dias depois, o pai voltou, deixando o menino em um internato. Não demorou muito e uma saudade acentuada da família, da vida que levava nos campos e das fisionomias amigas que lá deixara começou a torturá-lo.

Um dia saiu de novo à rua. Não teve entusiasmo por coisa alguma. As mesmas cenas que, dias antes lhe pareceram encantadas — quando estava ao lado do pai — agora só contribuiam para agravar a impressão desconfortante de isolamento em que se via.

A cidade não havia mudado, mas a alma do pequeno passara por uma transformação forte e impressionante.

Note-se que nesse caso foi apenas a saudade que deu coloridos sombrios à vida. Outros sentimentos há que podem produzir efeitos muito piores do que êsse. Exemplifiquemos o fenômeno.

Não faz muito tempo, em uma conferência que fizemos sôbre problemas do mundo contemporâneo apareceu um jovem que fora convidado por seu amigo para ouvir o que íamos dizer. Sentaram-se juntos.

Em dado momento aludimos à experiência amarga de um cavalheiro que se insurgia contra certos costumes que atualmente estão conspurcando a vida no lar. Para comprovar tais asserções, dizia êle que, em sua casa, tanto a mulher como as filhas se habituaram a chegar da madrugada. Vive horrorizado com tais costumes. Não pode, porém, combatê-los com muita veemência, porque fazem parte daquilo que se chama civilização. A assistência tôda estava encarando o fato como prova evidente da dissolução da família. Mas o jovem, que se apresentava pela primeira vez em uma reunião do tipo das que costumamos fazer, segredou ao ouvido do amigo esta frase:

— "Eu desejaria tanto saber onde é que moram essas moças que andam de madrugada na rua".

É evidente o que se passou na alma do jovem: o fato que era reprovado por todos quantos o apreciavam à luz da consciência moral, nele produziu efeito diferente por ter sido visto através da licenciosidade. Dêsse modo, a narrativa do mesmo acontecimento pode produzir efeitos muito diversos na alma de quem a ouve, dependendo tudo da orientação dos sentimentos de cada ouvinte.

Não é preciso exemplificar mais para que se veja que realmente o sentimento tem poder para colorir as realidades com que nos defrontamos. Acontece, porém, que muitos dos sentimentos que assim imperativamente se refletem na vida, levam o homem por caminhos que jamais conduzem à bem-aventurança, antes o impelem por veradas nas quais se encontra a corrupção do físico e se insuflam ciúmes e se acirram contendas e se degrada o caráter. Nesses caminhos o homem se encontra sempre envolvido por fôrças incompatíveis com a felicidade. Conclui-se daí, muito casualmente, que sem pureza de coração não pode haver bem-aventurança. Essa ver-

dade amplamente ilustrada pela experiência humana está singelamente apontada no texto.

—— : : - : : ——

Mas êle vai além e afirma que os límpos de coração verão a Deus. Examinemos essa afirmativa.

Quem lê as longas e complicadas demonstrações filosóficas que se apresentam para provar a existência de Deus, poderia pensar que só as inteligências muito bem adestradas em apreciar a seqüência lógica de argumentos estudadamente concatenados poderia alcançar conhecimentos a respeito do Ser supremo. Mas assim não é. O conhecimento real de Deus, em última análise, vem do coração. Quando os teólogos tentam provar a existência do Ser supremo, estão apenas tentando racionalizar convicções que já se lhes arraigaram o sentimento. Essa é que é a realidade. Tanto é assim que o valor das demonstrações teóricas da existência de Deus, é muito relativo. Elas não produzem convicção eficiente nas personalidades cujo sentimento esteja completamente afastado de Deus.

Alguns psicologos materialistas ridicularizam o modo de raciocinar dos cristãos e de todos quantos têm fé, asseverando que êsses não são guiados pela "lógica racional", mas sim pela "lógica mística". Aceitemos essa crítica. Ela se resume em afirmar que os sentimentos influem decisivamente em formar convicções na alma dos que crêem. Não negamos o fato. Mas apliquemos a mesma lei às convicções apresentadas pelos incrédulos. Em muitos casos êles não crêem em Deus, porque lhes falta simpatia para tanto. Sabe-se que é difícil um homem compreender uma pessoa ou instituição com a qual antipatize. Pois essa mesma lei é que explica alguns casos de incredulidade. O Evangelho vive a apresentar diante dos homens as exigências de uma vida pura, pura até nas intenções mais íntimas. Isso desagrada a muitas pessoas a tal ponto que elas nem siquer se dão ao trabalho de examinar os fatos que apresentamos para justificar nossas crenças. Perdendo a simpatia logo à primeira vista pelo Evangelho, elas se põem numa atitude que as torna psicológicamente incapazes de chegar ao ponto da evolução espiritual de onde se pode "ver a Deus".

Um cego que procurou o Mestre, pedindo que êle o curasse, ouviu esta ordem: "Vai lava-te no tanque de Siloé..." João 9:7. Há

também muita cegueira espiritual que só pode ser curada depois de cuidadoso processo de limpeza íntima.

Estudados êsses fenômenos da vida psicológica, não é difícil compreender que é que Jesus Cristo queria indicar, quando afirmou que os puros de coração é que vêem a Deus.

—::-::—

Frizemos aqui um outro aspecto da verdade contida no texto. Dificilmente, quem não tem a pureza íntima pode fazer juízo acertado do próximo. A personalidade humana é vítima da tendência de projetar no julgamento que faz das outras os próprios defeitos íntimos que ela tem. Por isso, onde não houver pureza, não haverá julgamento exato. Aí vai um fato que ilustra êsse perigoso fenômeno.

Numa viagem a bordo, convivemos muitos dias com um cavalheiro espirituoso e vivaz, filho de um missionário que morou em Roma. Um dia contou-nos êle êste fato pitoresco. Seu pai se achava de viagem. Êle teve intenso desejo de assistir a um espetáculo, mas sabia que isso não receberia a aprovação do pai. Consultou a mãe a respeito do assunto. Ela disse que não assumia a responsabilidade de dar a permissão uma vez que também ela imaginava que o espôso não haveria de concordar. Então o jovem lhe fêz a seguinte proposta.

— Eu escrevo a êle uma carta, mas como o tempo é escasso, eu lhe pedirei que, se êle achar que não devo ir, me telegrafe. Nesse caso não irei. Mas, se êle não telegrafar é sinal que concorda. Dêsse modo êle não terá despesa supérflua com o telegrama. A mãe concordou e o jovem, que hoje está velho, contando-me o fato, acrescentou:

— Eu não pus a carta no correio. Quando chegou o dia do espetáculo procurei minha mãe e disse:

"Não veio proibição nenhuma. É sinal de que posso ir ao espetáculo".

Até hoje êsse homem não tem remorso do que fêz e, contando-me a tratantada que praticou, ria ruidosamente.

Pois bem, quando o navio chegou ao ponto em que já se podiam ver terras do Brasil, uma senhora que estava ao meu lado perguntou-me qual era o nome da serra que estavamos avistando. Respondi logo: Serra do Mar.

O cavalheiro que se gabava de ter enganado o pai, logo me disse:

— Fiquei admirado de ver com que prontidão o senhor inventou um nome para aquela serra.

Êle, que sempre pensa em enganar os outros, achou naturalíssimo que também eu usasse dos mesmos processos que êle. Isso ilustra muito bem o fenômeno da projeção psicológica no qual o indivíduo julga os outros exatamente pelos traços íntimos que êle mesmo tem. Decorre daí que julgamentos humanos podem ser completamente errados desde que um sentimento mau trabalhe no coração de quem julga. Sem pureza íntima não pode haver inteireza de julgamento.

——::-::——

Como temos visto, a limpeza de coração influi nas apreciações que se façam da vida, na capacidade de conhecer a Deus e até no julgamento que se forma do próximo.

Nas cerimônias fúnebres que se faziam no Egito antigo, havia um pormenor terrificante. Realizava-se no momento em que vários instrumentos eram tocados com grande alarido e os sacerdotes punham-se a gritar estertòricamente. Para que tudo isso? Para, conforme se cria, espantar os espíritos malígnos que esvoaçavam por ali a fim de se apoderarem do coração do morto. As religiões antigas tinham dessas crendices. O Evangelho é diferente. Segundo seu ensino, não é com o coração dos defuntos que necessitamos ter cuidado, mas sim com o dos vivos, porque os defeitos que êle tenha, podem levar à bancarrota personalidades dotadas de grande inteligência, de vontade férrea e de outras qualidades altamente apreciáveis.

M. R.

———)★(———

FALSA APRECIAÇÃO

Um orador público falou recentemente com desprêzo da batalha de Marathona, porque não tinham perecido mais de 192 homens do lado dos Athenienses, com quanto que as máquinas aperfeiçoadas e os processos destruidores podem agora destruir 50.000 homens e mesmo mais em algumas horas. Entretanto a batalha de Marathona e o heroismo que nela mostraram, continuarão sem dúvida a ser lembradas quando as gigantescas matanças dos tempos presentes já estiverem esquecidas.

ESTÔJO PORTÁTIL

PARA

SANTA CEIA

Para os pastôres:

— em suas viagens

— em visita aos crentes enfermos

- **Prático**
- **Delicada apresentação**
- **Acondicionamento para 4 cálices, frasco para suco de uva e estôjo para o pão.**
- **Quase do tamanho de uma Bíblia de bôlso...**
- **Um lindo presente!**

Cr$ 1.000,00

— Descontos normais aos revendedores —

Exclusividade da

IMPRENSA METODISTA
Caixa postal 8051
SÃO PAULO — SP.

OUÇA

NA

RÁDIO COPACABANA

DO

RIO DE JANEIRO

ZYP-20 — Ondas médias — 680 Kcs

ZYP-27 — Ondas curtas — 4975 Kcs

(60,3 mts)

de segunda às sextas-feiras de 21 à 21,30 horas.

— o —

Programa "Realidades Espirituais"

OUÇA AINDA

às quintas-feiras, das 18,15 às 18,35

— o —

PROGRAMA "INSPIRAÇÃO"

do Instituto de Cultura Religiosa do

Rio de Janeiro

As preleções são feitas pelo Rev. Miguel Rizzo Jr.

CORRESPONDÊNCIA

Recebemos do nosso leitor Sr. Jayme David Muzel, de Itapeva (SP), uma apreciação sôbre nossa revista. Diz aquele amável leitor: "Em primeiro lugar quero dizer que a revista referida apresenta valores incalculáveis para o soerguimento espiritual e moral de nossa gente estudiosa. Traz artigos de fundo — quase sem excessão — e satisfaz plenamente a todos os leitores quer protestantes, católicos esclarecidos, espíritas e mesmo incrédulos, pela profundidade das idéias e clareza de estilo. Ainda não vi uma pessoa opinar desfavoràvelmente sôbre Unitas, pelo contrário, todos que a lêm encontram prazer na leitura, e o mais interessante, pessoas de todos os credos aceitam-na com simpatia. É uma revista de leitura agradável e, em cujos artigos, as idéias são genuinamente cristãs, e, por isso mesmo, irrefutáveis. Gosto de Unitas porque, se a dou a um católico romano sincero e honesto êle não a pode combater porque ela apresenta o cristianismo puro dos Evangelhos. Se um crente evangélico tomá-la para ler, encontra lenitivo para a alma e esperança para dias melhores; se um espírita ler Unitas êle fica satisfeito com a solidez e veracidade das idéias apresentadas finalmente se um materialista pretenso lê-la ficará confundido e desmascarado com as realidades espirituais que ela apresenta.

Parabéns à direção do ICR por colocar à mão do público uma revista dessa natureza. Continuem essa obra maravilhosa que só pode ser orientada por Deus, pelos frutos que está trazendo. Procurem dar maior publicidade à revista porque ela é, de fato, extraordinária para a elevação espiritual e moral de nossa gente estudiosa".

Agradecemos ao nosso leitor as expressões de apreço pela revista. Estamos convidando todos aqueles que amam a causa do cristianismo no Brasil a nos aju-

darem na divulgação mais extensa da revista. Queremos estender as influências da revista.

—oOo—

A dinâmica e consagrada tesoureira do ICR do Rio, Sra. Carmen Orecchia, em carta dirigida ao nosso Diretor, assim se expressou sôbre a revista: "Há tempos que estou querendo escrever para the dar os parabéns pelo progresso de Unitas. No outro dia houve uma reunião da sociedade de senhoras, e mamãe me contou que diversas senhoras apareceram lá com o número da revista (agosto), querendo mostrar umas às outras artigos que tinham apreciado. Continuando assim, a Unitas por si mesma angariará as suas novas assinaturas. Artigos relacionados com a psicologia e problemas da vida moderna são muito apreciados; também artigos com fins de evangelização sem ferir ou criticar a opinião de terceitos, apresentando sempre a VERDADE evangélica..."

Aí estão duas opiniões muito apreciadas. Por elas agradecemos aos nossos missivistas.

O leitor já pensou na imensa influência da revista se cada um dos seus leitores oferecesse uma assinatura, a título de evangelização e cultura espiritual, a um amigo?

A Redação

———)★(———

VÍCIO E DERROTA

A relação íntima que existe entre inteireza de caráter e sucesso na vida pode, às vêzes, ser disfarçada pelas argúcias de quem sabe ocultar seus próprios erros. Há casos no entanto que essa relação aparece nítida e até dramática. Eis um caso dêsses: "Marcelo, o general romano que cercou Siracusa durante três anos, quase desistiu de tomá-la. Arquimedes, dentro dela dirigia uma resistência tenaz que chegou a abater o ânimo dos sitiantes. Como foi que afinal a cidade caiu? Henry Thomas assim conta o fato: "Na noite da festa em honra de Artemisa, deusa da lua, o povo da cidade sitiada entregou-se à orgia e às libações. Pouco antes do amanhecer, "quando tinham os sentidos perturbados e os corpos exaustos", alguns romanos conseguiram galgar as muralhas e abrir as portas da cidade pelo lado de dentro. Quando os habitantes despertaram na manhã seguinte, encontraram a cidade em poder do inimigo".

("Vidas de Grandes Cientistas", pág. 16)

L I V R O S

"COMO EDUCAR PAIS E FILHOS?"

André Berge

Agir — Rio de Janeiro, 1957

Poucos livros têm aparecido, no campo da orientação educacional de filhos, com as qualidades dêste que agora a Agir acaba de traduzir e publicar.

O livro é muito bem escrito, bem traduzido, firme nos seus pontos de vista, equilibrado, muito claro e realmente útil na solução dos problemas da educação de filhos.

O autor é autoridade reconhecida na França no campo da educação.

Pela primeira vez, entre nós, um educador e psicólogo usa as contribuições boas da psicanálise adequada e corretamente. Não adota posição extrema; nem nega o imenso valor da psicanálise, nem faz dela a única explicação correta para os problemas da conduta humana.

O livro é um conjunto de regras práticas. Pouca teoria o leitor encontrará nessa obra. E isso é o que faz dêsse livro um instrumento utilíssimo a quem queira munir-se de recursos para bem cumprir sua missão de pai ou de mãe.

Êsse é um livro indispensável aos pais, aos educadores, aos ministros religiosos, e a todos quantos se dedicam à difícil tarefa de educar as novas gerações.

Há também nesse pequeno livro — e isso é importante e incomum na literatura dêsse campo —, um sentimento realmente cristão e uma filosofia cristã aplicados à educação de crianças. E' impossível educar bem uma criança sem que para isso o educador se muna dos instrumentos cristãos. E dos genuínos. Não dos falsificados.

Algumas das orientações apontadas no livro do sr. Berge já estávamos pondo em prática. Outras, porém, tivemos a felicidade de conhecer pela leitura atenta da obra.

Está de parabéns a Agir. O livro faz parte de uma série dedicada a problemas da família.

"A INTERPRETAÇÃO CRISTÃ DA HISTÓRIA"

Otto A. Piper

Edição da "Revista de História" da Faculdade de Filosofia da U. de São Paulo

O nome do autor é a melhor apresentação da obra. Otto Piper tor-

nou-se uma das maiores expressões do pensamento protestante nos tempos modernos. Dotado de uma notável acuidade intelectual, de vastos conhecimentos, e de um espírito analista profundo, escreve com autoridade sôbre um assunto em que muitos opinam: a compreensão do mundo moderno.

Não se trata de um simples estudo histórico, sociológico ou filosófico. E' tudo isso e muito mais. Trata-se de uma visão profunda e segura do mundo moderno do ângulo da teologia bíblica.

Temos tido muitas interpretações da história. Segundo filiações políticas, sociais, econômicas ou filosóficas. Faltava-nos uma visão cristã da história contemporânea. Temo-la aqui nesse extraordinário livro de Otto Piper. Depois de examinar a natureza da história como tal, de expor o conceito bíblico de história e de como a história se faz, o autor estabelece a distinção entre história pròpriamente dita e história espiritual. Mostra como o homem, dentro da realidade, modificou o sentido da história, tornando-se o centro dela. Nesta parte já o autor revela tôda a grandeza da contribuição cristã ao exaltar a pessoa humana. Finalmente o autor traça um quadro notável da situação contemporânea. Vale a pena lê-lo. E' uma palavra segura e uma orientação firme para a crise do nosso tempo . E de dentro dêsse caos em que vivemos mostra o autor, com grande felicidade, em que consiste a esperança cristã. O fim da história não está no mundo presente. E termina com estas expressões: "Aquêles que aceitam a fé bíblica terão necessàriamente uma impressão sombria da cena contemporânea e não poderão se entregar a um otimismo fácil. Mas também não cairão em pessimismo. Êles compreendem que embora nos encontremos no fim de uma época histórica mesmo assim a vida vale a pena ser vivida. Pois tudo o que é feito no espírito de Cristo serve perenemente para elevar o valor das coisas terrenas. É esta a mensagem de esperança do Evangelho a um mundo que está perecendo".

REVISTAS

E' difícil encontrar-se uma revista digna de entrar em um lar digno e respeitado, que ainda imprima, ou teime em imprimir, um ar de seriedade e respeito pelas coisas sérias da vida. Pegue-se numa revista ao acaso. Ao lado de um artigo capaz de inspirar um pouco aparecem vários artigos vasados até em linguagem pornográfica. Há uma lei de imprensa que coibe tais abusos. Mas a lei é letra morta quando não existem autoridades competentes para aplicá-las. E isso acontece não só aqui no Brasil. Em todo o mundo é assim.

Quando, porém, êsse tipo de literatura invade as colunas de algu-

mas publicações tidas como sérias, então não há mais nada de bom a esperar.

Isso está acontecendo com Seleções, em português, pelo menos. Aliás essa revista, em tempos, praticou um ato chocante e atentatório de tudo quanto conhecemos sob a denominação de honestidade intelectual. Referimo-nos a um artigo, publicado há anos, sôbre o afundamento do Titanic. E' do conhecimento dos leitores dessa publicação.

Agora a revista desceu muito. Aparece, na sua última edição (outubro), um artigo de uma certa secretária da embaixadora americana em Roma, que é digno de figurar numa publicação que explora certos aspectos baixos da personalidade humana. Essa senhora, a secretária, fala com muita ternura dos seus encontros com homens italianos, louvando-lhes as ricas qualidades amorosas. Ela prefere homens assim. O tom do artigo é êsse. Expõe ela, em público, suas aventuras de alcova.

Nós sempre pensamos que uma revista como essa tivesse um certo padrão para seus artigos.

Foram-se as nossas suposições. Devemos resguardar-nos, e nossos lares, da influência de tal literatura.

Que nos acusem de **puritanistas**. E' quase uma honra receber tal acusação quando ela vem de onde vem.

Nossas revistas estão refletindo, via da regra, mais os últimos suspiros de uma sociedade pôdre, que os anseios de uma outra sociedade escravizada, vituperada, desprezada, mas que traz a fôrça de um mundo novo. E se essa sociedade pôdre continua a explorar o rótulo do cristianismo, como vem fazendo, é necessário que digamos à nova sociedade, que êsse cristianismo é espúrio e apócrifo.

———)★(———

POPULAÇÃO RELIGIOSA DO MUNDO

De acôrdo com estatísticas publicadas na Enciclopédia Britânica do ano passado existem no mundo 804.306.000 cristãos. Estão divididos assim: católicos romanos, 470.852.000; gregos ortodoxos, 128.887.000; protestantes, 204.566.000. Se há tantos cristãos no mundo como é que êsse está ficando cada vez pior? Explicação: há um tipo de crença que é apenas superficial e não exerce influência positiva na vida. Houvesse no mundo tantos milhões de fiéis e a humanidade estaria atravessando uma fase incomparàmente mais bela do ponto de vista moral do que essa em que ela se abate.

INSPETORES VIAJANTES "BICO"

Firma com direção de evangélicos, em preparação para novo e grande lançamento no próximo ano, precisa de elementos evangélicos que trabalhem como viajantes em qualquer parte do país, a fim de nomearem elementos evangélicos nas cidades por onde passam.

O nosso trabalho não prejudica as funções do viajante e nem do Agente que fôr nomeado, pois tal trabalho poderá ser feito fora do horário comercial. Todavia o viajante que interessar-se pelo nosso trabalho poderá ser admitido com tempo integral, tão logo que prove a sua capacidade.

Tratar à Rua Rui Barbosa, 588 — Bairro da Bela Vista — São Paulo — com o Sr. Plínio Mourão.

CICERO HELENO SAMPAIO ARRUDA

ADVOGADO

Causas cíveis, comerciais e FISCAIS

Viaduto Sta. Ifigênia, 66
18.º andar - Conj. 181
Tel.: 37-1680

SÃO PAULO

DRA. JUNIA MARINS DA SILVEIRA

—— Moléstias de Senhoras, partos e operações ——

Consultório: Rua 7 de Abril, 118 - 8.º - conj. 602 — Fone: 32-9664

SÃO PAULO

INDICADOR PROFISSIONAL

Escritório de ADVOCACIA
DR. AGUINALDO COSTA
(Professor Catedrático da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro
— Docente livre da Fac. Nacional de Direito)
Rua do Ouvidor, 69 - 3.º, s. 33 — Tels. 23-1089 e 27-5299
RIO DE JANEIRO

DRA. CARMEN ESCOBAR PIRES
MOLÉSTIAS DE SENHORAS
Consultório: RUA 7 DE ABRIL, 235 - Apto. 308 - Telefone 34-1605
SÃO PAULO

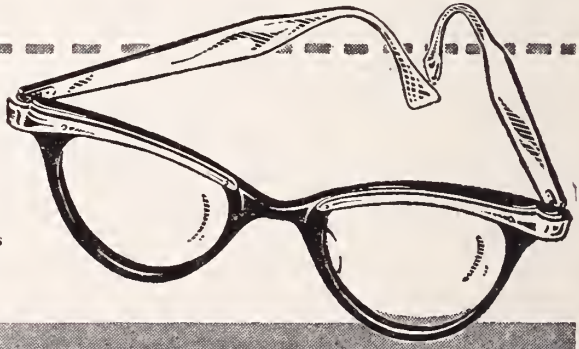
ÓTICA GARCIA
PRECISÃO, RAPIDEZ E PERFEIÇÃO
Sempre os mais modernos estilos de armações — Oficina própria para preparo de lentes — Preços sem concorrência e reais descontos para evangélicos
RUA SÃO BENTO, 484 — FONE 33-1377 — SÃO PAULO
AGORA TAMBÉM SEÇÃO DE JÓIAS, RELÓGIOS E BIJUTERIA

C. F. FRANCO ENGENHARIA Ltda
ENGENHEIROS:
Clovis F. Franco e Carlos Fernandes Franco
Av. Ipiranga, 1123, 8.º - conj. 803 — Fones 36-5137 e 35-4578
SÃO PAULO

DR. HÉLIO KERR NOGUEIRA
ADVOGADO
CIVEL — COMERCIAL — ORFANOLÓGICA — TRABALHISTA
ADVOCACIA EM GERAL
Escritório: Lgo. São Francisco, 181, 3.º andar, Salas 1 e 2
Fone 35-3311 — São Paulo

Um modêlo de óculos especial para seu rosto!

A ÓTICA GARCIA está tècnicamente aparelhada para lhe proporcionar o máximo confôrto. Apresentando sempre os mais modernos modelos de armações e com oficina própria para o preparo de lentes, ela pode realmente oferecer o melhor serviço a preços sem concorrência.



Confie-nos a execução de sua receita de óculos

ÓTICA GARCIA

PRECISÃO · RAPIDEZ · PERFEIÇÃO

Rua São Bento, 484 - Telefone 33-1377 - São Paulo

VENHA CONHECER NOSSA NOVA SEÇÃO DE JÓIAS E BIJUTERIA

ÚLTIMAS NOVIDADES

DIZIONARIO BIBLICO — Em Italiano. Compilado por um grupo de Pastôres e Professôres da Igreja Valdense, 1957 600,00

FULTON OURSLER — *O Maior Livro do Mundo* (A História do Velho Testamento) Broch. 394 páginas 130,00

FULTON OURSLER — *A Maior História de Todos os Tempos* (A vida de Cristo) Broch. 282 págs. .. 130,00

FULTON OURSLER e A. O. ARMSTRONG — *A Maior Fé Que Já Houve no Mundo* (História dos primeiros homens que espalharam a religião de Jesus e da momentosa época em que viveram) Broch. 357 págs. 130,00

NORMAN VINCENT PEALE — *O Poder do Pensamento Positivo.* Broch. 316 págs. 90,00

DAVIS — *The Westminster Dictionary Of The Bible.* Enc. formato grande — 658 págs. com ilustrações 360,00

CHAVE BÍBLICA — Nova Edição volume grande. Enc. 658 págs. e 16 mapas coloridos e históricos 290,00

HAGEDORN — *O Profeta das Selvas* — A História de Albert Schweitzer. Broch. 222 págs. 70,00

Variado estoque de Bíblias e Novos Testamentos. Atendemos também pelo serviço de Reembôlso Postal.

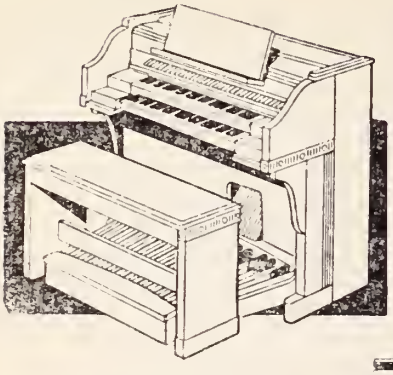
Pedidos à LIVRARIA INTERNACIONAL
Rua Libero Badaró, 92 — And. 7
Fone 32-1225 — Caixa Postal 1405 SÃO PAULO — BRASIL

VENDEDOR — REPRESENTANTE

—— CAPITAL, INTERIOR E ESTADOS DO SUL ——

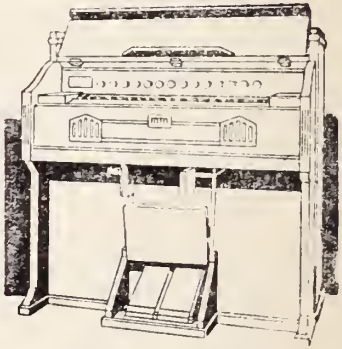
Precisa-se de elemento evangélico, ativo, capacidade comprovada, de iniciativa e bem relacionado em sua cidade, para representar grande e conceituada firma com produtos de renomada marca. As vendas serão feitas em larga escala e em três modalidades: atacado, varejo e a domicílio. Serviço permanente. Escrever com dados completos para ITALPRESS, ou dirigir-se pessoalmente à Rua Rui Barbosa, 588 — Bairro Bela Vista — São Paulo.

HARMONIUNS, ORGÃOS



de Tubos e Eletrônicos para IGREJAS ESCOLAS LARES

Venha escolher entre 20 modelos diferentes, o de sua preferência e estamos certos de que suas qualidades satisfarão aos mais exigentes. E quanto a preços – são os mais atrativos para qualquer bolsa.



ASSAI ☆ BOHN ☆ PETROF ☆ HAMMOND

quatro marcas que atingiram o pináculo em sua especialidade.

ESCREVA-NOS AINDA HOJE SOLICITANDO CATALOGOS

MUSICAS E INSTRUMENTAIS

CASA **Manon** S. A.

R. 24 DE MAIO, 242 ★ C. POSTAL 568 ★ S. PAULO

A
CASA PUBLICADORA BATISTA

Tem o livro que V. S. deseja: *Poesia, romance, história, religião, ensino, filosofia,* na palavra dos mais consagrados autores evangélicos.

Faça uma visita à nossa filial e desfrute do prazer de informar-se das nossas obras, saídas mais recentemente, e que tanto poderá aproveitar ao aprimoramento do seu espírito. V. S. será recebido com muita alegria de nossa parte.

CASA PUBLICADORA BATISTA
(Filial)

Rua Conselheiro Nébias, 127
São Paulo

Instituto Mackenzie

RUA MARIA ANTONIA, 403 — SÃO PAULO

LABORATÓRIO DE RESISTÊNCIA DOS MATERIAIS

(SALA DE PENEIRAS)

A Escola de Engenharia Mackenzie, fundada em 1896, mantém quatro cursos distintos: Engenharia Civil, Eletricidade e Industrial (todos de cinco anos) e Agrimensura (de três anos).

O ano passado o Mackenzie entregou ao Brasil 149 novos engenheiros. Êste ano a Escola tem 766 alunos, dos quais 132 no quinto ano.

1135TB LBC 75
10-14-04 32180 XI

Princeton Theological Seminary Library
1 1012 01471 8706